



# NARRATIVA DE ENIGMA



VERACRUZ

5º ano A – 2018

## **Alunos – 5º ano A**

Alice Cenamo Dias  
Ami Kanô Linsker  
André Duprat Vilela Heller  
Anna Chinaglia Danilevicz  
Beatriz Athayde de Paula  
Carolina Vidal Pereira  
Dora Paione Milner  
Francisco Soares Montans Gusso  
Gabriel Padilla Neves  
Gabriel Queiroz e Silva  
Helena Leme Raw  
Henrique Cosate de Jesus  
Isabella Salles Frug  
Julia Barros Rabello  
Lucas Corazza Genioli de Oliveira  
Manuela Cassiolato Gomes  
Matheus Moraes Cintra Bachega  
Pedro Galati Salles  
Theo Oliveira Passarelli Scott  
Theo Toledo Enohata  
Vinicius Lande Furuno  
Vinicius Lima Gabionetta Zini  
Yasmin Amino Uehara

## **Professoras**

Katia Frazão  
Susan Amorim  
Paula Sesso

## **Orientadora**

Sonia B. da Fonseca

## **Coordenadora**

Eloisa Ponzio



# Sumário

O mistério de um amor impossível .....	5
<i>Ami Linsker e Manuela Gomes</i>	
O assassinato da srta. Layla.....	18
<i>André Heller e Theo Toledo</i>	
Um crime atrás do outro .....	25
<i>Beatriz de Paula, Dora Milner e Yasmin Uehara</i>	
O mistério no Summer Beach .....	38
<i>Carolina Pereira e Alice Dias</i>	
O misterioso assassinato francês .....	55
<i>Helena Raw e Anna Danilevicz</i>	
Um assassinato em série .....	74
<i>Henrique de Jesus e Vinicius Furuno</i>	
Assassinato no London Beach .....	83
<i>Isabella Frug e Julia Rabello</i>	
O enigma do Adolfo Bitler .....	102
<i>Lucas de Oliveira e Theo Scott</i>	
O mistério da máscara negra.....	115
<i>Gabriel Queiroz e Matheus Bacheга</i>	
Um mistério impossível .....	124
<i>Gabriel Padilla e Pedro Salles</i>	
O misterioso assassinato no Cecil Hotel.....	131
<i>Vinicius Zini e Francisco Gusso</i>	

# O mistério de um amor impossível



Ami Linsker e Manuela Gomes

Cheguei em casa exausto, tarde da noite, porque o dia inteiro fiquei procurando ajudantes para meu trabalho. Sou detetive, um dos únicos da cidade e preciso de uma auxiliar urgentemente, porque tenho muito trabalho e sozinho não consigo solucionar os casos de investigação.

Ao entrar na sala, tirei meu chapéu e o coloquei na chapeleira. Como sempre faço, preparei um chá e peguei o meu jornal que havia chegado de manhã. Fui para perto da lareira, peguei meu cigarro e comecei a fumar calmamente.

Abri o jornal, foi difícil, pois estava molhado da chuva e não queria que rasgasse. Meus olhos foram direto para uma notícia escrita com letras bem grandes, que dizia “Sou auxiliar de detetive, quem se interessar pelos meus serviços é só ligar para o número abaixo”.

Peguei o telefone às pressas, quase escorreguei quando passei pelo tapete do meu quarto e disquei o número que estava escrito no jornal. Na primeira vez disquei errado, só da segunda acertei, uma voz feminina atendeu, eu perguntei eufórico de felicidade:

— Alô, quem fala? — perguntei com esperança de dar certo o nosso contato e ela aceitasse ser minha auxiliar.

— Aqui é a Julia Monteiro — ela respondeu educadamente.

— Sou Roberto Silva, detetive particular e liguei para saber se foi você que colocou um anúncio no jornal, pedindo um emprego para auxiliar de detetive?

— Sim, fui eu mesma — respondeu Julia toda animada.

— Certo. Você gostaria de ser minha auxiliar?  
— perguntei ansioso.

— Sim, adoraria! — respondeu Julia toda feliz com a possibilidade de um novo emprego.

— Podemos nos encontrar amanhã para almoçar? — perguntei esperançoso.

- Ótimo, que horas é do seu agrado?
- Às 13:30 está bom para você?
- Sim, perfeito! Combinado?
- Ótimo, nos encontramos amanhã, tchau!
- Boa noite, até amanhã!

No dia seguinte, nos encontramos como combinado. De repente meu celular tocou no meio do almoço e era uma mensagem que havia chegado de meu amigo Felipe. Era um convite para o seu casamento em um navio luxuoso, que navegaria do Rio de Janeiro para Natal. Eu achei uma boa ideia ir e chamei Julia para ser minha companhia. Assim poderíamos nos conhecer melhor e pensarmos nos novos planos de trabalho.

Fui retirar as passagens, porque o convite já era para o dia seguinte. Eu estava muito ansioso para a viagem, assim que cheguei em casa arrumei a mala para os três dias de navegação.

Na entrada do navio, fomos recebidos muito bem por um segurança alto e magro, que usava um terno levemente engomado e uma gravata muito cara. Levaram-me aos meus aposentos e Julia foi para os dela.

Julia era uma moça jovem de uns 30 anos, tinha cabelos castanhos claros e sempre usava vestidos coloridos, pois dizia que estava na moda.

Logo em seguida fomos cumprimentar Alice, a noiva, que era uma mulher muito bonita, tinha olhos azuis, cabelos macios e louros, também notei que era uma mulher bem-sucedida, pois usava roupas caras e chiques. Ela estava meio desanimada, meio quieta demais, eu não sei o que poderia ter acontecido, parecia nervosa. O que será que estava acontecendo? Era para ela estar muito feliz, o casamento seria maravilhoso, com todos os amigos por perto.

Seu noivo, Felipe Chaves, era um homem de sorte, rico e ia se casar com a mulher que amava. Eu o conhecia há muito tempo e éramos amigos, mas fazia um tempo que não nos víamos.

Finalmente chegou a hora do casamento, todos os convidados estavam ansiosos pela chegada da noiva.

Três horas se passaram, eu sei que noivas se atrasam, mas assim era demais. Resolvi perguntar a Felipe onde ela estava.

— Felipe, onde está a Alice? — eu perguntei curioso e meio entediado por ter esperado esse tempo todo, bebendo champanhe.

— Eu não sei, achei que ela estava no camarim se maquiando — respondeu Felipe com ar preocupado.

— Certo, vou chamar Julia para ver o que está acontecendo lá dentro, e já volto para te contar.

Bati na porta do camarim, ninguém atendeu, bati de novo e nada, nenhum som, nenhum passo e nenhuma respiração acontecia lá dentro.

Abri a porta e espreitei antes de entrar, não havia ninguém, nem uma alma viva que pudesse me dizer onde Alice Pereira estava.

Eu e Julia vasculhamos o ambiente. Era um lugar apertado, havia somente uma penteadeira, uma arara de roupas e um armário pequeno onde só se guardava sapatos e outros acessórios. Na gaveta da penteadeira havia um prato, que não deveria estar lá. No pé da cadeira encontrava-se um pedaço de pano sujo de comida.

Atrás da arara estava um sapato de salto, decorado de brilhantes, abaixei para verificar o ta-



manho, nesse mesmo instante paralisei de susto...  
Meu coração parou de bater por uns instantes.

Alice Pereira estava estendida no chão, fria como um cadáver, seu rosto estava pálido, suas mãos ainda estavam segurando seu buquê de rosas brancas, nele havia um bilhete escrito: “*no quaR-tO Da vítima, nO Lugar aFastado, encOntra-se a faca do assassinato*”.

Quando li isso fiquei preocupado, pois não entendi absolutamente nada, li, reli, li novamente e nada. Julia estava investigando em volta, quando gritou como quem havia achado a resposta:

— Você já pensou por que esse bilhete estava no buquê?

Fiquei desapontado, tive vontade de gritar, por vários motivos.

— Talvez o Felipe tenha deixado aí — respondi tentando adivinhar, mas sabia que tinha mínimas chances disso ter acontecido, porque esse bilhete a assustaria.

Fomos perguntar a ele para acabarmos logo com a angústia, mas minhas esperanças acabaram

quando eu ouvi que não havia sido ele. Voltei para o camarim e tentei novamente reler a carta, depois notei que havia letras maiúsculas, juntei, e percebi que formavam o nome “Rodolfo”.

Fui até a recepcionista, porque normalmente elas têm o registro de todas as pessoas do navio:

— Olá, por favor, você teria a lista de nomes dos convidados e da tripulação do navio? — Julia perguntou entusiasmada com seu novo emprego.

— Oi, bom dia, eu sou a Regina e tenho todos os nomes das pessoas desse navio.

— Certo, você pode nos dar a lista, por favor?

— Sim, é claro, mas... para que é essa lista exatamente? — perguntou ela meio desconfiada.

— É para... depois eu te explico, agora me dê logo essa lista!

Arranquei o papel das mãos daquela mulher, fui para a sala de reuniões para conversar sobre o caso com alguns suspeitos, mas lembrei que havia deixado as pistas com as provas que tinha no meu quarto, não gosto de acusar ninguém sem provas e fui buscar. No caminho encontrei dois homens car-

regando uma grande mala. Meu instinto de detetive me disse que ali poderia ter um corpo. Continuei meu caminho, porque tinha coisas mais importantes para resolver.

Cheguei ao corredor do meu quarto e tentei abrir a porta, mas estava trancada, fui até a recepção pedir uma chave nova, mas não havia ninguém lá, nem mesmo a chave estava em seu devido lugar.

Não era sexta-feira 13, mas era um dia de muito azar. Eu entrei em pânico, um bom detetive nunca entra em pânico, pensei, respirei fundo e fui procurar Julia para ver se ela não havia pego minha chave.

— Julia, você está com a minha chave do quarto? — perguntei preocupado, pois precisava pegar todas as pistas para levar à sala de reuniões.

— Sim, eu peguei por engano — disse Julia com cara de quem estava envergonhada.

Fui andando com passos largos e toda a paciência do mundo até meu quarto, quando iria chegar ao segundo andar vi uma luz acesa, vinha do quarto de Julia, entrei cheio de curiosidade, como ela poderia ter vindo até aqui tão rápido? Não

poderia, não havia ninguém no quarto, procurei qualquer pista que pudesse me dizer quem estava em seu quarto a não ser ela. Debaixo da cama havia uma caixa de cigarros, e mais nada, nem se eu procurasse, eu não acharia mais nada.

Com essa pista a mais fui até os meus aposentos, quando estava prestes a girar a maçaneta da porta de madeira, olhei para o lado e achei um pincel de maquiagem sujo de *blush* rosa.

Peguei as pistas no meu quarto e voltei na maior pressa, porque havia muita gente me esperando para começar o interrogatório.

— Já descobri o culpado — disse ao entrar na sala, todo orgulhoso por resolver um crime desses.

— Já, descobriu, quem é o criminoso? — perguntou Felipe nervoso.

— Certo, vou contar os fatos: quando me encontrei com Julia para reunir as pistas ela não estava prestando atenção fui ver se achava mais alguma coisa.

Os criminosos estavam planejando uma fuga antes de serem descobertos e era um momento

bom para isso, sem nenhum hóspede que pudesse denunciá-los.

— Os? — perguntou Felipe — Então também tem cúmplices?

— Isso mesmo, meu amigo, saí da sala de reuniões a tempo, fui para o meu quarto, quando vi uma luz que vinha do quarto da Julia, no começo eu não entendi, mas ouça, entrei a procura de alguma pista que me ajudasse a desvendar o caso e encontrei. Debaixo da cama havia uma caixa de cigarros, mas como você sabe, meu amigo, a Julia que eu contratei não fuma, ela até reclama do cheiro do meu cigarro.

Quando saí de seu quarto olhei para a porta do meu vizinho, o senhor Mike, e na frente havia um pincel de maquiagem sujo com *blush* rosa, homens normais não usam maquiagem não é mesmo? Verifiquei as digitais e não eram dele.

— Então de quem eram? — perguntou Felipe.

Espere que eu já te conto. Sabia que a paciência é a chave para tudo?

Mas voltando ao caso, quando eu estava no camarim, no pé da cadeira havia um pedaço de te-

cido sujo de comida, pelo cheiro havia sido feita no mesmo dia em que o encontrei. Quem faz comida em um navio? O cozinheiro, é claro. Eu o observei por alguns momentos e notei que não ficava só na cozinha, às vezes ele ia andando nos corredores onde ficavam os quartos, um dia eu o vi conversando com a maquiadora do casamento na hora que devia estar cozinhando.

Na gaveta da penteadeira havia um prato sujo, eu sei que não havia nenhum motivo lógico para estar lá, mas eu não penso somente no que é lógico, hoje à tarde, mais ou menos dez minutos antes da reunião de suspeitos acabar, passaram dois homens carregando uma mala grande, minha intuição disse que caberia uma pessoa adulta, talvez uma mulher, talvez a Julia Monteiro. Tinha que ser mais esperto que o assassino, e ele queria que eu pensasse que a Julia que estava comigo era a Julia que eu contratei, então fingi que eu não desconfiava de nada. A Julia verdadeira havia sido obrigada a ficar na sala de máquinas enquanto os criminosos não fugiam, trocaram a Julia por uma impostora que fingiu ser a coitada para que eu não descobrisse o caso. Eu também achei um bilhete que resolveu o caso todo, que ligou cada pista. Estava no vestido da vítima e dizia:

“Você me traiu e por isso merece morrer. Eu te amava, mas você me trocou por um homem qualquer, só porque tinha dinheiro. Prepara-se, porque sua hora chegará em breve”.

O bilhete que eu encontrei no buquê, nas mãos da noiva, estava escrito Rodolfo. Eu fui pegar a lista de pessoas do navio com a recepcionista e vi que o único Rodolfo do navio era o funcionário da sala de máquinas. Ele foi obrigado a manter Julia lá, mas ele é inocente, outro cúmplice é a Julia falsa, mais conhecida como Samanta. Eu tive a certeza disso quando achei uma caixa de cigarros debaixo da cama de Julia. A maquiadora também ajudou, ela estava maquiando a Alice para sua entrada triunfal. Quando eu estava indo buscar as pistas que agora estão comigo, vi um pincel de maquiagem cheio de *blush* rosa, vi as digitais que estavam marcadas no pincel e eram de outro convidado, Mike. Ele também não era culpado, porque, quando a maquiadora e o cozinheiro estavam levando a Julia, deixaram cair o pincel, e Mike o tocou e deixou suas digitais. O cozinheiro é o assassino, ele era namorado da Alice, mas ela o traiu, porque Felipe era rico, ele não aguentou e disfarçou-se de cozinheiro para poder entrar no navio. Eu já mandei prender todos os culpados e libertar Julia.

Fui encontrar minha auxiliar para acabarmos esse último dia na piscina e relaxarmos um pouco. Ela aceitou, colocamos uma roupa de banho e fomos finalmente aproveitar nossa viagem. Não houve casamento, mas com o crime solucionado a viagem seguiu seu curso até Natal, onde todos aproveitaram o calor para entrar no mar e relaxar, principalmente eu e Julia.



# O assassinato da srta. Layla

André Heller e Theo Toledo



Em 1987, em Londres, estava eu em um café com o Bob, enquanto ele folheava um jornal que havia chegado naquele dia, quando empolgado me disse:

— Veja esta manchete, estão dizendo que na rua 37, casa 31, em Mapleton, houve um assassinato de uma mulher chamada Layla e estão oferecendo muito dinheiro para quem descobrir o assassino. Eu logo o interrompi e disse:

— Eu amo resolver casos difíceis, mas não quero recompensa alguma, nós apenas investigamos pelo prazer.

Como eu havia prestado atenção nele com interesse disse:

— Bem, Bob, já que você tocou neste assunto, quer resolver este enigma?

— Claro.

Fomos para a casa e arrumamos nossas malas para pegarmos um trem para Mapleton.

Pegamos um táxi e fomos até a ferrovia, entramos no trem, em um vagão de primeira classe para fumantes. Ofereci um cachimbo a meu amigo e o acendi para que fumássemos juntos e partimos. Bob levou o jornal consigo, e falei:

— Posso ler a manchete para coletar um pouco mais de informações?

— Claro que sim! — respondeu-me Bob animado com nossa viagem.

Quando peguei o jornal, observei que no final, onde pegam as informações da manchete acabei encontrando o número do coronel Heiter e falei ao Bob:

— Bob, você já ligou para o coronel?

— Não, eu não sei o número dele.

— Bob, está aqui debaixo da manchete, olhe você mesmo.

Ele pegou o jornal e discou o número pelo telefone fixo do trem.

— Alô, aqui é o Bob, detetive profissional. Estou indo com meu auxiliar Robert para resolver o caso do assassinato da Layla.

— Sim, pode vir. O meu assistente irá junto com vocês, ele se chama Charlie, ele buscará vocês na estação de trem.

— Ok, chegaremos dentro de cinco horas.

— Está certo, boa viagem.

— Obrigado, tchau.

Voltei para a minha cabine mais tranquilo.

— Bob, conseguiu falar com o coronel Heiter?

— Claro.

— O que ele falou?

— Que quando chegarmos a Mapletom, o assistente dele chamado Charlie irá nos buscar, porque ele conhece melhor o local etc.

— Que bom, porque três cabeças investigam melhor do que duas.

— Concordo.

Fui conversando com o Bob, até que chegamos ao nosso destino. Quando descemos do trem encontramos o Charlie e imediatamente fomos até a casa 31 na rua 37.

Quando chegamos na casa, vimos sangue, um revólver e o cadáver de Layla. Ela era muito bonita.

Analisamos o corpo e vimos que uma bala atirada por um revólver achado pela polícia a perfurou na cabeça. Foi realmente uma cena muito forte e triste, mas não iríamos desistir de resolver esse caso.

No dia seguinte, fomos à casa da vizinha de Layla, ela suspirou e disse que era uma amiga muito íntima, falou também que por volta das duas e meia da manhã ouviu muitos gritos e brigas e no final, ouviu um tiro. Coletamos todas as informações que tínhamos sobre o caso e fomos alugar uma casa para passarmos uns dias na cidade até resolvermos o caso.

Chegamos na casa e fomos descansar, esperei Bob adormecer e depois fui dormir.

Acordamos no dia seguinte com badaladas na porta dos fundos, fui abrir e me deparei com uma caixa enviada de Port Land. Peguei a caixa, fechei a porta e disse ao meu companheiro:

— Bob, você estava esperando alguma encomenda ou alguma coisa do tipo?

— Não, Robert, por quê?

— Porque encontrei essa caixa na porta, o que será que tem?

— Não sei, mas abra para podermos ver o que tem dentro!

Quando eu abri encontrei a cabeça de Layla e tomamos um susto.

— Bob, que brincadeira é essa?

— Não sei, Robert, mas se isso for uma brincadeira ela é muito absurda!

Alguns segundos depois o coronel Heiter ligou afirmando que a cabeça de Layla havia sido cortada e roubada.

— Heiter... veio uma encomenda, e a cabeça de Layla está dentro dessa caixa!

— Só pode ser o assassino!

— Exatamente

— Bom, Heiter, vou me encontrar com o Charlie na casa de Layla e qualquer coisa te aviso.

— Ok. Tchau

— Tchau.

— Robert, vamos?

— Claro!

Charlie estava nos esperando e fomos à casa de Layla. Quando chegamos, vimos que estava faltando a cabeça, e o corpo estava jogado no chão.

— Robert, quando viemos aqui o corpo de Layla não estava coberto com uma lona?

— Sim, Bob, eu mesmo que cobri.

— Então quem enviou a cabeça de Layla e tirou a lona foi o assassino.

— Melhor colocarmos seguranças para ficar de guarda para ninguém interferir na cena do crime.

— Certo.

Fomos para a cena do crime e colocamos guardas em locais estrategicamente posicionados.

Saímos para almoçar, quando eu e Bob ouvimos uma conversa da mesa ao lado:

— Matei-a, agora me passa a recompensa.

— Ei, você mandou a cabeça dela para os policiais?

— Não, eu mandei para os detetives.

— É, você merece essa recompensa mesmo.  
Toma os cinquenta mil que te prometi.

Falei para o Bob sobre o que eu ouvi e ele desenhouno em um guardanapo da mesa detalhadamente os rostos deles.

Com aqueles detalhes, mostramos para a polícia e descobrimos que se tratava de James e do ex-marido dela, que se chama Cris. Fomos imediatamente na casa dos dois criminosos e os prendemos.

Caso resolvido, pegamos o trem de volta para nossa cidade ansiosos para vermos nossa investigação em todos os jornais.

# Um crime atrás do outro

Beatriz de Paula, Dora Milner e Yasmin Uehara

E aí eu finalmente descobri que... Ei, calma aí! Isso é depois, vou contar o caso desde o início...

Quando cheguei, encontrei-a sentada no sofá com seu computador, ela estava com uma cara triste. Eu perguntei muito curioso o que havia. Numa tarde muito ensolarada, em 2017, eu, Rafael, — o gerente do hotel King's, da Sra. Kátia Frazão, a dona do hotel cinco estrelas de Roma — estava planejando a festa de vinte anos do hotel com minha equipe, quando minha namorada, Rose, me ligou para nós nos encontrarmos no nosso apartamento. Encontrei-a triste e perguntei o que havia acontecido. Ela me explicou um pouco incomodada:

— Estou vendo fotos de quando eu era pequena. Eu era tão feia, só gostava do meu nariz. Eu estou lembrando da escola, aí que tempos horríveis! Muito *bullying*, musiquinhas sobre mim! Ai! Não quero nem pensar!

— Calma, não fique assim. Eu sempre estarei do seu lado.



– Obrigada, amor!

Logo, vi que Rose estava tomando um vinho sérvio.

– Você gosta da Sérvia?

– Sim! E muito. Queria morar lá algum dia!

– Mudando de assunto... Que tal se arrumar para a festa do hotel? – falei ansiosíssimo para ver como estava a festa.

Chegando na festa, vi que estava muito animada, tinha música e dança.

Havia um bar para os adultos e piscina para as crianças. As mães não deixaram as crianças entrarem na piscina. Exceto a mãe de um menino, o Lucas. O menino do apartamento do 50º andar. O único que sabia nadar. Em volta da piscina havia um senhor, chamado Ivan, o fumante do 10º andar.

A mãe do Lucas foi tomar um champanhe, quando o filho sem querer engoliu a água da piscina, no começo não aconteceu nada, ela o viu e depois...

– Chamem o gerente, chamem o gerente! Meu filho está morto! – ela berrava assustada.

Fiquei muito assustado com a criança morta em nossa piscina e imediatamente chamei a polí-

cia e dois dos melhores médicos que conhecia. Eles examinaram o garoto e falaram que no dia seguinte me dariam notícias.

E como combinado, no outro dia, logo pela manhã, recebi uma ligação da polícia, falando sobre o caso. Foi mais ou menos assim:

— Alô? — disse torcendo para que fosse a polícia — Quem é?

— Alô, aqui é a polícia de Roma, você é o Rafael?

— Sim, aqui é o Rafael. E aí? Acharam alguma pista?!

— Infelizmente, não. Não achamos nada.

— Muito bem — eu falei um pouco triste — sei que fizeram o melhor — e desliguei o telefone.

Uma semana depois, o mensageiro do hotel, o Marco, me ligou dizendo:

— Rafael tenho uma notícia horrível. Não posso te contar agora.

— Tudo bem, Marco. Você pode vir no meu apartamento hoje de noite me contar? — perguntei ansioso.

— Sim, claro! Mas acho que você não vai gostar.

Fiquei um pouco desconfiado, mas depois esqueci. À noite, quando ele chegou, Rose atendeu a porta, pois eu estava em uma ligação importante. Dez segundos depois eu escutei um berro de Rose, e imediatamente corri até a porta ver o que havia acontecido.

— Ai, meu deus! — disse morrendo de medo, vendo o mensageiro com uma chave de fenda presa no pescoço, escorrendo sangue para todos os lados e Rose amedrontada.

— A polícia! Chama a polícia! Rápido! — ela gritou para mim.

Corri para o meu celular e chamei a polícia, enquanto o mensageiro, quase morto, dizia o nome de Natalia.

— Alô? Oi, aqui é o Rafael, o gerente do hotel King's, venha rápido é uma morte... assassinato!

Mais tarde, estava no meu escritório, quando chegou a sra. Kátia:

— Rafael! Ra-fa-el ! Rafael, você já viu o relatório de clientes do hotel? — gritava ela, esbaforida.

— Olha só! Diminuiu 50% na ocupação de hóspedes, desse jeito o hotel vai falir! Você não quer isso, ou quer?

— Eu não sei o que dizer! Realmente! Um hotel com duas mortes, nossa! É pior do que pensava! Uma propaganda péssima contra nós!

— É, mas esse é seu trabalho. Eu tenho assuntos demais para resolver.

E logo ela saiu, batendo a porta com força.

Resolvi ir para o meu apartamento descansar um pouco, e acabei encontrando minha amada:

— Ah, olá, Rose. O que veio fazer aqui?

— Quero te mostrar o projeto da nova suíte. Já contratei toda a mão de obra — ela afirmou animada, me mostrando o projeto.

Vimos o projeto, discutimos e depois pedi que reformassem.

Percebi que precisava de um detetive para resolver essas mortes estranhas. Pesquisei vários detetives e vi os melhores. Resolvi ligar para um tal de Dyb, cujo assistente tinha o nome de Doyabe. Eles pareciam bons detetives com ótimos currículos, um japonês e o outro coreano. Liguei, mas acho que o detetive não percebeu que aceitou a ligação. E sem querer ouvi a conversa, foi mais ou menos assim:

— Doyabe! Você viu o que saiu no jornal? — perguntou Dyb.

— Oi! Boa noite, Dyb! Não, não vi.

— Teve dois assassinatos este mês no Hotel King's! Os hóspedes estão desaparecendo por medo dos crimes. Se fosse um hotel qualquer, tudo bem, mas... O hotel é 5 estrelas e é o da sra. Kátia! — Dyb exclamou espantado.

— Nossa!!! Iria querer investigar este caso. E...

— Alô — eu disse para tentar chamar atenção.

Foi quando o detetive percebeu que estava em uma ligação:

— Alô. Aqui é o Dyb. Quem é?

— Olá. Aqui é o Rafael, gerente do hotel King's.

— Muito bem — disse ele analisando. — Em que posso ajudar? O seu hotel não é aquele que teve dois assassinatos e está ficando vazio sem hóspedes?

— Sim, foi bem triste. Eu queria saber se você poderia ajudar a resolver isso. E se não descobrirmos e resolvermos serei demitido. Você pode me ajudar?

— Eu posso ajudar. Acabei de ler sobre os casos no jornal. Com certeza quero te ajudar a resolver o caso. Sou só eu e meu ajudante, o Doyabe.

— Ótimo! Te vejo amanhã às nove!

Fui dormir. Já era tarde da noite. Dormi pensando nas mortes.

Quando acordei, fui para o meu escritório, esperando o detetive. Ele chegou às nove em ponto.

— *Kon'nichiwa! Anata wa dodesu ka? Yorokobi*, meu nome é Dyb.

— E eu sou o Doyabe — falou o auxiliar me cumprimentando. — Seu hotel é lindo!

— Obrigada, Dyb e Doyabe. Sou o Rafael. E Dyb não entendi nada, mas tudo bem.

— Então, como ocorreram os assassinatos? — perguntou Doyabe, querendo ir direto ao ponto.

Contei tudo. O que estavam fazendo e que chamei a polícia, mas não acharam nada. Até pediram para falar com a minha irmã, Mia, que disse que usou a chave de fenda para consertar o ar condicionado de um quarto, pois ela trabalhava com a manutenção do hotel. Eles queriam ver os locais dos crimes.

— Muito bem, Rafael, nos despedimos agora. Nós temos o suficiente para analisar as pistas. Nós nos vemos amanhã, às nove — falou o Dyb e se despediu saindo da sala.

— Tchau, até amanhã — eu respondi. — Vocês podem ficar com o apartamento 1000. Ele é mais luxuoso, no 10º andar, acabamos de reformar.

Passadas algumas horas, fui para o escritório da Kátia. Falei para ela em um tom de alívio:

— Pronto. Contratei um detetive. Tenho certeza de que ele vai descobrir a tal de Natalia — e saí da sala de Kátia, indo direto para a minha.

Não consegui dormir à noite, pensando se os detetives tinham conseguido alguma pista. Mas fiquei mais tranquilo quando vi os detetives trabalhando, indo de um lugar para o outro e interrogando as pessoas, até chegaram a me interrogar e interrogar a sra. Kátia. Até que depois de três dias vieram falar comigo:

— Sr. Rafael, descobrimos que na piscina havia uma espécie de líquido tóxico e na sunga de Lucas havia duas bitucas de cigarro — falou Doyabe. — Você teria algum suspeito? Funcionário ou hóspede que fumasse.

— Acho que sim. Ah, temos! O Ivan, ele fuma muito...

— Sr. Rafael, sem pistas e provas não posso dizer nada, mas tenho minhas hipóteses e, além das bitucas, achamos gavetas, prateleiras e armários

bem remexidos em seu escritório — falou Dyb. —  
Achamos também uma carta na beira da piscina,  
escrita algumas coisas bem suspeitas. Vou ler:

— SR. RAFAEL AQUI É A CRIMINOSA A NOITE  
TOMA.

— Nossa! Que confuso! Acho que por hoje já  
chega. Vamos para a suíte tomar um banho.

— Isso! — exclamou Doyabe. — Hum!... Aquela  
banheira, ou melhor, banheirona quentinha! Que  
delícia!

Eles foram. Pouco tempo depois me ligaram  
para eu ficar um pouco no apartamento deles, eu  
disse que tudo bem, pois não encontrei Rose. E fui,  
chegando lá, eu encontrei Dyb sentado e Doyabe  
tomando banho. Eu e Dyb conversamos alguns mi-  
nutos e de repente Doyabe deu um grito:

— Dyb e Rafael, venham cá! Não! Opa! Deixe  
eu me trocar.

Esperamos um minuto, até Doyabe nos dizer  
para entrar.

— Encontrei um círculo suspeito e acho que  
não devia estar aqui. Vejam, se eu aperto aqui...

— Espere! Não aperte, pode ser uma armadi-  
lha! — exclamou Dyb assustado.



– Deixe de bobagem, Dyb – falou Doyabe.

Doyabe apertou, e magicamente a banheira se abriu. E nós conseguimos ver um túnel.

– Vamos! Estou muito curioso – eu disse.

Vimos um mural com uma foto do Ivan. Eu e os dois detetives nos olhamos assustados, realmente achamos que o assassino era o Ivan. Vimos no chão escrito bem grande NATALIA, e um quarto, como o de um hospital, com um kit de cirurgia plástica com um soro, silicone, botox e gordura facial. Tudo tinha o nome de Roger. Foi quando percebi que era um nome familiar:

– Meu santo pai! Roger é o irmão de Rose!!!

– Agora tudo faz sentido! Me dê um tempo para eu e Doyabe conversarmos, por favor.

– Tudo bem. Vou para o meu apartamento ver se encontro Rose.

– Rafael, pelas minhas hipóteses, acho que não vai encontrar nem namorar mais com ela.

Fiquei bem assustado. Mas fui para lá. Como eles previram, não a encontrei. Estava muito cansado e fui dormir. Acho que, uma hora depois me ligaram, falando para descer para a sala de reuniões do hotel, disseram que a Kátia estaria

também. Chegando lá, Dyb e Doyabe nos contaram tudo:

— Sra. Kátia e sr. Rafael, vou contar desde o início: Rose, a namorada de Rafael é a assassina. Tudo começou quando ela e a sra. Kátia estudavam juntas, ela sempre soube que Kátia era e sempre foi a mais popular. Faziam *bullying* e musiquinhas maldosas para ela. Mas, Kátia não fazia isso, e Rose achava que ela mandava as pessoas fazerem isso e achava ela a culpada. Rose esqueceu um pouco da vingança quando conheceu um rapaz chamado Rafael. Mal ela sabia que o hotel que Rafael trabalhava como gerente era onde a Kátia era a dona. Rose lembrou da vingança e fez Rafael se apaixonar por ela. Bolou um plano com seu irmão Roger. Para fugir da polícia, fez várias cirurgias, mudando totalmente a sua aparência menos o nariz. A primeira coisa foi tirar os clientes do hotel, ela envenenou a piscina e para sorte dela, Lucas engoliu a água, colocou a culpa em um cara, pois sabia que ele era um homem de cara fechada e séria, um bom suspeito. Infelizmente o plano deu quase certo, o único problema foi que, quando foi colocar o veneno, Marco, o mensageiro, viu, mas não conseguiu avisar o Rafael, porque tinha muito trabalho. Quando ele foi

contar, Rose atendeu a porta, ele fez uma expressão de espanto, ela soube na hora que ele sabia, matou-o com a chave de fenda e soltou um berro para não levantar suspeitas. Ela teve a ideia de reformar o apartamento para ser seu esconderijo, tinha uma foto de Ivan, pois ele era o suspeito desejado, também colocou as bitucas de cigarro para deixar pistas falsas. Mas agora temos só mais uma coisa...

— Jesus amado! E pensar que tinha uma criminosa no hotel! — berrou Kátia, com uma felicidade enorme — Mas, onde ela está agora?!

E aí finalmente descobri que minha namorada era a criminosa e com a pergunta de Kátia raciocinei “ONDE ELA DEVE ESTAR?”.

— Essa é fácil! Rose me disse que sempre quis morar na Sérvia, ela deve ter fugido para lá — eu resmunguei frustrado — Aquela... Aquela, traidora que me dá raiva! Saber que ela estava me usando este tempo todo, depois de tudo que fiz para ela!!

— Bom... realmente é triste saber disso, mas é melhor saber do que ficar namorando uma criminosa. Não é? — perguntou Doyabe.

— É, talvez. Não sei se era melhor ficar sem saber e pensar que ela me amava, do que saber disso e ficar deprimido. Bom, mas é a vida!

— O nosso trabalho acaba aqui — disse Dyb se despedindo. — Deixe conosco. Nós a encontraremos e retornaremos assim que possível. Tchau.

Depois de um mês, recebi uma ligação dos detetives:

— Rafael? Oi, ligamos para falar que a Rose está condenada a vinte anos de prisão. Ela está na rua Mendys, 194.

— Mais um detalhe: encontramos o pedaço daquela carta com a Rose. A carta verdadeira é o seguinte:

SR. RAFAEL AQUI É O SEGURANÇA, ROSE É A CRIMINOSA, VI ISSO HOJE A NOITE, TENHA CUIDADO.

Nós nos despedimos e então eu finalmente tirei o peso da minha consciência.

Eu soube que Dyb e Doyabe tiraram férias em Orlando, Kátia e eu estávamos planejando uma reinauguração para o hotel.

# O mistério no Summer Beach



Carolina Pereira e Alice Dias

Eu e Martin Filds estávamos esperando o nosso voo para Londres. Ah! Como amo esta cidade! Tão animada como estava, deixei de prestar atenção no horário do voo. Depois de trinta minutos, eu e Martin fomos perguntar para a comissária de bordo sobre o atraso. Ela educadamente pediu mil perdões pela espera, porque o avião atrasara duas horas por um problema no motor. Eu não liguei muito, pois estava animada demais para me preocupar. Algum tempo depois, o avião chegou, fomos recebidos por uma aeromoça de cabelos castanhos-claro, presos em um grande coque, e olhos verdes-esmeralda.

— Nancy, Londres é tão incrível assim? — Filds me perguntou entusiasmado.

— Sem dúvida! Você irá adorar. E o hotel cinco estrelas em que ficaremos se chama Summer Beach. Minha velha amiga Chloé, da França, já se hos-

pedou nele e me contou um pouco. Posso afirmar que ele é maravilhoso! “Um sonho”, como disse Chloé.

Finalmente o avião chegou. Martin parecia estar ansioso e empolgado. Mas eu estava muito mais animada.

Quando sentei, vi uma mulher de cabelos lisos, louro-platinado, totalmente sedosos, olhos azuis como o céu, seus lábios eram vermelhos, que mulher maravilhosa! Ela usava um salto alto vermelho vivo, um vestidinho curto com o padrão de uma onça pintada, rendas pretas e um bordado escrito Daisy Maryn! Ela é a minha estilista predileta, todas as minhas peças de roupas são dela! Essa moça tem um bom gosto, até parece a... Daisy Maryn! É ela! Essa moça é a Daisy Maryn!

— Meu Deus! A famosa modelo Daisy Maryn está no mesmo voo que nós! — falei com emoção.

— Não estou vendo? Ela é tão bonita assim? — ele perguntou duvidando.

— Sim! Com certeza! — exclamei. — Ela é a mulher mais bonita que já vi! Sua beleza, seu lindo cabelo liso, louro, tão macio, os olhos azuis, brilho

nos lábios, meu Deus, ela é muito linda — expliquei entusiasmada. — Já a encontrei uma vez, ela é muito divertida e carinhosa. Bom, agora vamos entrar no avião.

Nosso voo estava tranquilo, até que começou uma turbulência! Tudo começou a ficar embaçado, como uma neblina, uma fumaça... um gás tóxico!

— Não respirem a fumaça! — gritei. — É tóxica! Não a respirem!

Quando olhei para o meu lado esquerdo, vi um homem de preto assaltando Daisy Maryn. Saí de meu assento e tentei impedi-lo, mas... o gás invadiu meus pulmões e senti arder, rapidamente segurei a respiração, estava fraca, não podia fazer nada, cheguei perto dele e não vi mais nada, somente uma coisa preta...

Quando despertei estava no aeroporto de Londres, a aeromoça estava me ajudando a acordar. Levantei um pouco enjoada, Martin me deu chá e um chocolate, me disse que eu tinha desmaiado por causa do gás, mas já estava tudo bem. Depois de algumas horas, já estava melhor, ele me disse que o moço vestido de preto havia escapado do avião. Que droga! Queria ajudar minha musa e prender aquele homem.

— Que vexame, Filds, você devia tê-lo prendido! — eu gritei irritada.

— A polícia já o prendeu — ele me disse mostrando o jornal. — Fique calma, vamos para o hotel descansar.

Chegamos no Summer Beach. Que esplêndido! Na entrada, tinha um grande tapete vermelho, em volta, vários arbustos de jasmim, uma trepadeira artificial e a porta era feita de carvalho escuro. Dentro, o chão era coberto por um tapete bege-claro, uma parede inspiradora de mármore, repleta de quadros abstratos, e, no centro de tudo, havia uma fonte com azulejos azuis e várias moedas no fundo. Esse é o hotel mais lindo que já vi!

Subi para o quarto 52. Meu deus, ele é incrível! Uma cama de casal, um banheiro totalmente moderno, com uma TV, uma prateleira cheia de revistas, jornais e livros interessantes, uma varanda cheia de flores brancas e vermelhas, que tinha a vista para a magnífica natureza e para a bela piscina. Depois de descansar bastante, me troquei e fui para a piscina. Chegando lá, vi que ela era maravilhosa! Tinha uma grande escada de azulejos, uma água deliciosa, várias plantas, árvores e flores em



volta, vitrola tocando uma música relaxante, bem calminha, e por último, uma fonte de água, e em seu recipiente havia vários peixes e moedas!

No dia seguinte, eu e Filds estávamos conversando no quarto dele — o 53 — quando ele recebeu uma ligação do telefone fixo. Após o telefonema, ele parecia estar assustado e preocupado.

— O que aconteceu, Martin? — perguntei curiosa.

— Aconteceu um assassinato neste hotel — ele disse espantado. — Sinto muito, mas a vítima foi Daisy Maryn.

— Não, n-não é possível, deve ter sido um engano — eu gaguejava. — Por que Daisy? Por que, Deus? Nada pior que isso para estragar a nossa viagem... — reclamei brava e triste. — Mas mesmo assim vamos investigar o caso. Pegaremos esse criminoso e o prenderemos para sempre! — gritava confiante, mas, na verdade, parecia que havia um buraco em meu coração, não sei dizer como estava me sentindo, mas foi horrível! — Vou pedir informações na recepção, enquanto você... vá buscar um mandado de busca, para todos os quartos daqui.

Filds foi até a delegacia, enquanto eu pedia informações de todos os hóspedes à recepcionista.

Quando ele chegou, mostramos o mandado assinado, e fomos olhar todos os quartos. Olhamos do primeiro até o quadragésimo, quando no quadragésimo segundo, vimos o cadáver! Alguns minutos depois, o hóspede daquele quarto acaba de chegar.

— O que está acontecendo? Nancy Lepar!? A detetive de Paris? — ele perguntou impressionado.

— Olá, ontem aconteceu um assassinato aqui, e a arma foi um revólver. Vou investigar o local para achar todas as pistas, enquanto meu auxiliar Martin Filds, irá conversar com você lá embaixo. Mas, antes, qual é seu nome?

— Como assim, um assassinato? — ele dizia confuso. — Sou um grande fã seu Nancy, o último caso que você resolveu foi incrível, adorei te conhecer! — ele falava desviando do assunto.

— Igualmente, obrigada — falei calmamente.

Comecei a observar o local: achei um copo de vidro sobre a mesa de madeira, com uma marca de batom vermelho, bitucas de cigarro no chão, gravata azul com amarelo atrás da cortina, pegadas de

sapato de salto alto no carpete e fios de longos cabelos pretos.

Quando Martin chegou, me contou tudo o que descobriu:

– Nancy! Nancy! Descobri muita coisa, agora já temos alguns suspeitos!

– Fale logo! – eu disse surpresa.

– Vou te contar tudo: Fabio me disse que Mila Lenci poderia ser uma suspeita, porque ela e Amélia eram melhores amigas, mas na faculdade brigaram feio, por causa de um garoto, e as últimas palavras que Mila disse para Amélia foi “Eu vou me vingar um dia!”...

– Como essa tal de Mila é?

– Não sei, mas ela está hospedada nesse hotel. Depois, quer ir visitá-la?

– Sim, mas agora continue a história.

– Verdade. Como eu dizia... outro suspeito é Carlos Hater. Lembra que ele era casado com Amélia?

– Lógico!

— Então, continuando, ele é um suspeito: antes dos dois se divorciarem, Daisy o traía. Quando ele descobriu, os dois discutiram por mais de uma hora, no final da briga Amélia deu um tapa na cara de Hater, ele ficou furioso com ela, então, deu um grito penetrante: “Um dia você se arrependerá de ter feito isso!”. Logo depois ela saiu, bateu a porta, jogou sua aliança fora e veio morar em Londres.

— Meu deus, não sabia que foi essa a razão de-  
les terminarem.

— É mesmo. Agora vou para o terceiro suspeito: John Eduard, crítico de decorações desse hotel. Quando Daisy estava traindo Carlos, era com esse homem. Mas ela não sabia que ele tinha uma “doença”. Quando ele conhecia alguém e namorava mais de uma semana, não queria nunca mais se separar. O problema é que Daisy gostava mais de Hater do que dele, então quando ela se separou não queria mais se relacionar com ninguém. Logo depois do divórcio com Carlos, ela foi terminar com John. Quando ele ouviu aquelas palavras “Acabou tudo entre nós” ele exclamou irritado “Eu te odeio!”.

— Mas e o Fabio Gaspar? Ele me pareceu muito suspeito — acrescentei.

— Verdade, falei com ele. Fabio teve sim um caso com ela, mas não acho que esse homem seja o assassino.

— Por favor, Martin, me conte a história dele!  
— reclamei.

— Claro — ele respondeu. — O pai de Daisy era bandido. Enquanto Fabio estava na faculdade, Tômas Maryn assaltou a casa de Gaspar, a mãe dele apontou uma arma para Tômas. Quando ela foi atirar a arma travou, nesse momento o pai de Daisy atirou na Malena Gaspar e a matou, depois assaltou a casa e foi embora. Quando Gaspar chegou, viu sua mãe morta, caída sobre o sofá, com o pé dobrado ao lado de uma poltrona, e a cabeça no chão, próxima da lareira, deitada em sua própria poça de sangue.

— Acho que ele pode ser o assassino — disse um pouco desconfiada — se eu fosse ele gostaria de vingança...

— Hahahaha! Provavelmente é Mila Lenci. Com 22 anos, Fabio e Daisy viraram melhores amigos, e deixaram suas mágoas para trás. Vamos investigar de novo o local para acharmos mais pistas.

Fui investigar o local mais uma vez, mas agora com Martin.

Chegando, achamos novas pistas, Filds olhou as digitais, achou as de Fabio dentro de duas luvas pretas, achei a aliança de casamento de Hater com Daisy, uma foto de Maryn tirada por John Eduard, um taco de *baseball* quebrado escrito “propriedade de C.H.”. Quando li isso pensei “Preciso ir para lá”, mas Martin achou melhor irmos antes na casa de Lenci. Agora está difícil descobrir o criminoso, mas com essas pistas vamos pegá-lo!

Martin acha que é Mila, mas continuo achando que é Fabio, briga de amigas não é motivo para assassinar Daisy, mas se Tômas matou a mãe de Fabio, Gaspar tem um motivo bem “recheado” para matar Maryn.

Após olhar o local, fomos visitar Lenci, para ver sua aparência e saber mais coisas sobre ela, mas antes de sairmos recebi uma carta: “*Eu sei quem foi o culpado, se quiser me visitar... rua Castelo de Ouro 927*”.

Chegando no quarto de Mila, batemos na porta. Quando ela abriu, percebi que Martin poderia

estar certo. Lenci estava usando um batom bem avermelhado e um salto alto enorme, com mais de dez centímetros, tem um longo cabelo preto, e não parecia estar muito triste com a morte de sua “amiga”. Conversamos bastante com ela, depois percebemos que ela mentira na maioria das perguntas que nós tínhamos feito. Logo depois, Martin juntou todas as pistas que incriminavam Lenci: a marca de batom vermelho no copo, as pegadas de salto alto, e os longos fios de cabelo preto.

Pensei bastante, ainda não tinha certeza que era Mila Lenci, mas Filds insistia que era ela, e sempre que ele insiste muito quer dizer que é realmente aquele o criminoso. Sei disso porque trabalho com ele há sete anos e nunca errou, assim me convenci que era Mila, tínhamos provas, e o motivo era vingança. Após isso, fui imediatamente avisar a delegacia. Logo depois Mila Lenci foi presa, “peguei o patinho na lagoa!”.

— Eu não sou a culpada! Nunca faria isso! — ela gritava apavorada.

— Sabemos que foi você, não adianta continuar a falar isso! — gritei irritada, sentindo um aperto no coração, mas ignorei.

No fim da tarde, comecei a me sentir muito mal por ter prendido Mila, fui até a rua Castelo de Ouro 927, saber o que realmente acontecera.

Bati na porta, uma, duas vezes e na terceira vez um homem horrível, todo deformado me disse com uma voz estranha:

– Finalmente, Nancy Lepar! Sabia que você e seu “amigo” prenderam o culpado errado?

– Agora eu sei. Não tinha certeza. Quem é o verdadeiro culpado?

– Não vou dizer tão fácil assim, mas a primeira coisa que lhe falarei é: seu auxiliar é o cúmplice! Não acredito, a melhor detetive de Paris, prendeu a pessoa errada, meus parabéns!

– Não queria, ainda não acredito que meu “amigo” me enganou...

– Acredite. Vou te contar a história: desde que o Tômas Maryn matou Malena Gaspar, Fabio queria vingança e conseguiu...

– Mas por que Martin mentiu para mim?



— ... como eu dizia, Filds não te contou porque ele e Gaspar são melhores amigos, e ele, Filds, nunca foi bom em fazer amigos, e eles fizeram uma promessa na infância que, se algum contasse um segredo, nunca, jamais eles poderiam contar, se não acabaria a amizade. Por isso ele não te contou...

— Calma, você acabou de falar uma coisa importante, Fabio é o assassino?! Há! Sabia!

— ... muito bem Lepar! Bom, por favor, agora não me interrompa. Se lembra da ligação que Martin recebeu, e foi quando ele te disse do assassinato? Fabio ligou para ele avisando o que fez. Como ele queria vingança, marcou um encontro com ela, e a matou. Depois vocês começaram a investigar, e Filds ia te enganando cada vez mais. A resolução foi que...

— Fabio é o assassino! Martin é o cúmplice! Muito obrigada! — dizia muito aliviada — Mas quem é o senhor?

— Olá — ele falava enquanto tirava o chapéu — sou Hercule Poirot.

— Poirot? Mas você não se parece nada com ele.

— Estou disfarçado — dizia ele tirando a “fantasia”.

— Meu deus! Sempre quis te conhecer pessoalmente! Mas não imaginei que seria assim, em um crime! Te adoro muito!

— Igualmente. Bom, agora vá descansar e depois prenda-os.

Depois de alguns minutos cheguei no hotel. Me senti apavorada, assustada, traída, não sei exatamente como me senti, só sei que era um sentimento horrível! Comecei a chorar. Deitei na minha cama e pensei em como acreditei que a criminosa era Mila, sabia que não era ela, como pude fazer isso! Fui enganada pelo meu amigo! Ou meu ex-amigo! Estava tão furiosa que... foi aí que boleei um plano...

No dia seguinte, chamei Fabio e Martin para conversarmos.

— Fabio, eu sinto muito por ter achado que você era o assassino — eu disse calma.

— Tudo bem, você não fez por mal.

— Para me desculpar, eu levarei você e o Fil-  
ds em um jantar especial, mas é surpresa! Esse res-  
taurante é bem famoso, então os dois irão de olhos  
vendados. Que tal?

— Adorei! — disse Martin com alegria.

— Boa ideia, vou amar! — falou Fabio felicís-  
simo.

Estávamos no carro, chegando no “restau-  
rante”, quando Gaspar me disse:

— Nancy, estamos chegando?

— Sim, estamos bem perto...

Alguns minutos depois, chegamos! Saí do  
carro. Na verdade não íamos para um restaurante,  
e sim fomos para a delegacia! Poirot já estava me  
esperando na porta. Vou prender esses dois como  
se eu fosse “matar um mosquito”. Fomos avisar os  
policiais que Mila era inocente e que meu auxiliar —  
quer dizer, meu inimigo — me enganou:

— Dia 13 de outubro, 21:30 da noite, Fabio e  
Daisy foram se encontrar, se divertiram muito, as-  
sistiram um filme, jogaram jogos etc. Depois Gas-  
par foi levar Daisy a sua casa. Quando eles chega-

ram tiveram uma grande discussão. Fabio começou a fazer ameaças sobre a morte de Maryn, ela tentou fugir, mas ele atirou em sua cabeça. Quando ele a matou ligou para Martin, e o resto vocês já sabem...

Contamos tudo, e pedimos para publicar o crime e a resolução no jornal. Logo depois que falamos isso, o policial Petey já estava soltando Lenci, enquanto os outros prendiam Martin — por ser o cúmplice — e Fabio — por ser o criminoso. Ponto para Nancy! “Agora sim peguei o patinho!”

Resolvi o crime com um outro detetive, Poirot! Amei esse caso! Nunca vou esquecer, foi uma reviravolta!

Dois dias depois, o caso já estava no jornal “... *Hercule Poirot e Nancy Lepar, resolveram um crime juntos!*”. Eu e Mila já éramos amigas, boas amigas! Falando a verdade pensei em parar de ser detetive, mas percebi que mesmo sendo enganada por um “amigo” ganhei outra, bem mais legal, interessante e incrível. Também pensei em voltar para Paris, mas resolvi morar aqui, com minha amiga, sendo feliz para sempre, nessa linda cidade! Tenho muito mais amigos, crimes para resolver e tudo o que eu gosto tem aqui.

...

“*Dia 23 de novembro de 1921, assassinato na rua Carige 126*”, vamos resolver esse crime?

Ele parece bem interessante, mas, bom, essa já é outra história...

# O misterioso assassinato francês

Helena Raw e Anna Danilevicz

Um belo dia, em 2016, na Rua Juliano de Alcatraz, estava eu e minha parceira na cafeteria Scarlet, no Rio de Janeiro. Thea é uma grande detetive, esperta, engraçada de uma forma inteligente, tem cabelos curtos e um pouco brancos, e eu a auxiliar muito pontual, de cabelos pretos e pequenos e um óculos vermelho. Enquanto isso, Thea tomava seu delicioso café sem nenhuma gota de leite, nem açúcar, lendo as notícias em seu celular, quando ela me disse entusiasmada:

— Edna, venha! Olhe, temos um novo assassinato em Paris! Vamos, pegue seu casaco e vamos para casa!

Eu disse ansiosa:

— Pelos meus olhares de gavião, vejo que Carolina Aline Jiste foi assassinada. E aqui está dizendo... Espera! É um assassinato misterioso, o caso não foi desvendado!

— E... As pistas serão coletadas amanhã às nove, sem atraso algum! — ela disse com a sua cara de investigadora.

Logo nós saímos da cafeteria e fomos para casa de táxi.

Quando chegamos, Thea disse aos seus filhos:

— Tchau, Sofia, tchau, Caio, tchau, Mike, e... Tchau, Yumi, durmam bem nestes dias. Ah, e tchau, Carlo, estou indo para Paris. Vou ficar alguns dias lá com a Edna!

Logo depois nós fomos de avião para Paris, no voo de última hora.

Durante o voo, minha amiga fazia diversas ligações. Também anotávamos cada notícia que o nosso programa preferido, o “Notícia Misteriosa”, nos comunicava a respeito.

Nove horas de voo depois, nós ligamos para o hotel vizinho do local do crime.

Eu e Thea tomamos nossos banhos no hotel, primeiro fui eu, tomei meu banho, penteei meus cabelos curtos e minha franja, coloquei minha jaqueta xadrez, meus óculos, e... Pronto! Antes de eu me empolgar, Thea me apressou:

— Vamos, vamos! Amanhã temos compromisso marcado!

Thea se aprontou e nós fomos dormir.

Logo pela manhã Thea me acordou dizendo:

— Vamos, sua preguiçosa. O alarme já tocou há... exatamente 37 segundos!

Nós duas comemos um delicioso sanduíche de ovos e presunto, que eu mesma fiz, e andamos até chegar ao local do crime. Nós chegamos e logo fomos falar com a recepcionista, que, para mim, já era uma suspeita. Ela nos levou até os quartos, incluindo o dela, da gerente e dos outros funcionários.

Eu e ela demos uma olhada primeiro no quarto da recepcionista que se dizia inocente.

Eu pedi informações pessoais. Ela me disse que se chamava Joana Garcia e que nunca havia cometido crime algum, também disse que não havia nascido ali.

Depois disso eu fiz uma belíssima observação, descobri pistas e indícios, e anotei no meu caderno de bolso as seguintes observações:

“1— manchas de sangue no chão

2— cacos de vidro ensanguentados, fora do lugar



3— mal cheiro.”

Minha amiga e eu fomos para o quarto da gerente.

Quando chegamos vimos direto uma pistola descarregada, identidade, carteira e dinheiro de Carol no chão. Coletamos e guardamos na minha mochilinha cinza.

Thea me disse:

— Agora vamos para o quarto da vítima.

Nós fomos e encontramos um relógio que diziam ser da gerente Andrea. Mais do que isso não tinha. Mas tinha alguma coisa me incomodando...

Quando estávamos no corredor Thea me disse confiante:

— Peguei na mosca!

— O quê? — eu lhe perguntei.

— Esse cheiro... Já sei! É de defunto e... Está vindo do último andar. Mas vamos olhar todos os quartos depois. Agora quero interrogar Sofia primeiro e depois a todos.

Logo depois nós levamos Sofia a um lugar quieto, e perguntamos:

— Conte sobre sua infância!

— Eu e Carol éramos gêmeas idênticas, mas depois de um tempo, Carol fez uma amiga que sempre me batia e nunca gostou de mim, e eu nunca gostei dela, mas isso nunca passou.

— Como ela se chama? — eu disse.

— Ela se chama Joana Garcia e sua irmã Solange. As duas trabalham aqui. Joana como recepcionista e Solange como arrumadeira.

— Foi o que eu pensei — Thea disse pensativa.

Quando Thea falou com muito entusiasmo:

— Peguei de novo! — ela disse.

— No quê? — eu falei.

— Na mosca! — respondeu.

— Minha irmã veio dois dias apenas, antes de mim e Carla, que é nossa amiga. Quando cheguei não vi nenhuma pista dela.

— Ótimo!

— Obrigada pelas dicas — eu falei.

— Vamos ao último andar buscar mais pistas.

— Olha aqui! Achei mais sangue — ela apontou.

— Argh! Que cheiro desagradável! — ela comentou com muito nojo.

Quando fui olhar a piscina tive uma enorme surpresa:

— Thea, Thea! É urgente! Achei o corpo! Está na piscina!

Ela veio correndo e disse:

— Peguei na mosca! E você também, Edna!

Trouxemos o corpo da piscina para o chão, e analisamos os hematomas, cortes, feridas, impressões digitais e marcas de pés e mãos.

Fizemos uma investigação no corpo, e descobrimos que ela tomou um frasco de veneno, foi esfaqueada no pescoço e foi morta com um caco de vidro.

No dia seguinte iríamos anunciar o crime, e as digitais do criminoso.

Eu e Thea saímos exatamente às 17 horas do local do crime, e fomos nos aprontar para jantar e dormir.

Quando chegamos ao hotel, eu fiz um risoto maravilhoso, e nós o comemos inteirinho!

Eu tomei meu banho, a Thea o dela, assistimos “Notícia Misteriosa”, e fomos dormir.

Quando acordei fiz ovos com bacon, que ficaram deliciosos!

Depois da nossa refeição, fomos para o local do crime.

Quando cheguei fui curiosa pegar as impressões digitais. E... para minha surpresa as criminosas eram Solange e Joana.

Anunciamos o crime e demos uma entrevista para o “Notícia Misteriosa”.

Eu falei com muito orgulho:

— Deixe eu ter a honra de algemá-la, minha amiga! E não reclame, porque você já algemou muitos criminosos!

— Está bem, Edna — disse ela sendo boazinha.

— Eu a matei por acidente, a intenção era a morte de Sofia! — disse a criminosa assustada.

— É! — disse a cúmplice.

Alguns dias depois fomos como “convidadas de ouro” para o enterro de Carolina.

Logo depois, elas foram levadas para a prisão, e tudo ficou mais ou menos bem, por respeito à morte.

Quando fomos embora, Thea ouviu no “Notícia Misteriosa”, que havia outro crime, só que desta vez em Los Angeles. Era um roubo de um milhão de dólares e o sequestro dos quatro filhos da família Waterstrom.

— Os Waterstrom estão muito preocupados — eu disse.

— Diz que a família está passando por dificuldades financeiras e, com essa perda de dinheiro, estão quase falindo. Mas algumas pessoas estão doando.

— Os sequestrados foram Lucas, de 2 anos, Ana Luiza, de 14, Mariana, de 5, e seu gêmeo Theo. Foi assim que nós partimos para outra viagem, só que desta vez para Los Angeles.

Thea ligou para sua família e disse que ficaríamos mais alguns dias fora.

Pegamos um voo para Los Angeles, era um voo longo e cheio de ligações que Thea fazia. Enquanto isso, Erthur, de 14, e Mud, de 4, meus filhos, me ligavam contando novidades.

Nós chegamos em Los Angeles e nos hospedamos em um hotel chamado Stuart, muito lindo.

Chegamos cansadas, porém não deixamos nosso cansaço nos impedir de ver a lindeza do lugar. Era muito iluminado, muito chique e bem decorado.

Logo chegamos no hotel e fomos direto para cama.

No dia seguinte, comemos na padaria Matilda Bakery, pedimos um café com leite e outro totalmente sem leite.

De lá nós fomos para a casa dos Waterstrom.

Quando chegamos vimos os pais com olhos esbugalhados chorando, sofrendo. Eu disse já investigando:

– Aqui está.

– Já achei uma pista, Sr. Waterstrom e Srta. Waterstrom – eu disse.

– Obrigada, obrigada! Glória a Deus! Aleluia! Graças a... – disse alegrando-se – ... a Monsieur – falou Camila agradecendo

– Já chega, Camila! Deixe as nossas salvadoras falarem! Chega de glória a Deus, quero achar

meus filhos e meu dinheiro, Camila! — falou o homem que já havia enlouquecido.

— O que aconteceu durante todos esses dias?

— Nossos filhos sumiram, fomos roubados. Fomos roubados, senhora, fomos roubados! — a coitadinha exclamou.

— Camila, chega de glória a Deus e maluquices! — disse o pobre homem.

— Aconteceu que, durante esses dias, ninguém nesta casa sequer dormiu nem sorriu, nenhum vizinho sabe de nada — disse ele novamente.

— Vocês têm câmeras? — perguntei.

— Claro! Mas ontem as câmeras da vizinhança toda pararam de funcionar.

— E lógico que não posso me esquecer de falar duas coisas: que a câmera de Luzia não parou de funcionar, ela mora bem aqui do nosso lado, e que os seguranças daqui saíram, todinhos, e entrou só um para tudo isso aqui.

— Ótimo! Maravilha! Vou na casa dessa tal de Luzia e vou checar as câmeras — afirmiei.

Fui até a vizinha enquanto Thea interrogava os Waterstrom.

— Olá? É a detetive Edna Silva Pato. Abra porta, por favor.

— Olá, Edna, veio falar sobre o assassinato, é o que imagino.

— Sim, Srta. Luzia Ângelo.

— Bem, eu sou uma espécie de investigadora, eu ainda estou procurando saber do assunto, por isso tenho câmeras. Olha, mas eu não gosto que entrem em minha casa. Se quiser saber, nunca me mudei em 50 anos de vida minha querida. Para você ver, essa casa tem até nome.

— Está bem, acho que vou entrar para investigar, se é que me entende.

— Eu acho que vou ter que te banir do grupo das detetive.

Voltei para a casa dos Waterstrom.

— Theeeeeeeaaaaaaa! A vizinha é detetive, ela não gosta que entrem na casa dela. Você não está ligando os pontos? Ela é suspeita.

— Amém, amém!

— Pedington, querido, nossos filhos vão voltar, ah, e nosso dinheiro também, não se preocupe.



Thea me disse empolgada:

— Vamos interrogá-la!

Logo depois, quando fomos procurá-la, não a achamos.

Falei:

— Tive uma ideia, podemos procurar o nome dela na lista telefônica e rastreá-la pelo meu celular!

— Boa ideia, Edna! Vamos ver a câmera e o rastreador!

— Vou ver! — afirmei.

Quinze minutos depois eu falei:

— Thea, ela achou a câmera e quebrou o rastreador!

— Droga!

Eu e a minha parceira fomos interrogar todos. Primeiro os Waterstrom.

— Vim interrogar vocês! — Thea disse.

— O que aconteceu com os guardas? — eu perguntei para a pobre mulher.

— Ninguém sabe! Não fomos nós que fizemos isso Mrs. Thea, não fomos — ela disse com lágrimas nos olhos.

— E quanto ao crime? Alguém fala com vocês sobre ele?

— Sim, sim, sim! Claro, a Srta. Chesterfield da casa à frente — disse a mãe.

— A senhora conversa muito com ela?

— Um pouco, na hora da tristeza.

Logo depois disso eu e minha parceira fomos investigar.

Nessa investigação interrogamos o suspeito máximo.

— Quando você começou a trabalhar aqui? — Thea falou.

— Desde ontem, quer dizer, sempre. Você já interrogou os outros? — o suspeito disse gaguejando.

— Não — menti.

— Eu não sei de nada sobre o sequestro dos quatro filhos e nem de um milhão de dólares roubados.

— Ah, me desculpe incomodar seu trabalho —  
menti novamente percebendo que ele era o crimi-  
noso.

Fui para casa e Soraia comentou:

— Peguei na mosca!

— Sobre o quê? — perguntei.

— Eu já sei quem é o criminoso!

— Quem? — disse eu.

— O segurança novo — ela afirmou.

— Eu também descobri isso no interrogatório!

— Ele só mentia sobre tudo — eu falei.

Mas, a pergunta era: como ele conseguiu en-  
trar? E onde estão as crianças?

Eu pensei, pensei e pensei, e...

— Arrá! Ele não entrou! Ele só tem a melhor  
mente de criminoso sequestrador! — eu disse lite-  
ralmente animada.

Nós fomos até a casa dos Waterstrom, e falei:

— Olhe isso aqui, são pegadas iguais, ou seja  
dos gêmeos, e aqui pegadas maiores, ou seja da Ana  
Luiza, e essas são do tamanho das de um bebê, ou  
seja, do Lucas. E isso é dinheiro e comida, ou seja,

o criminoso atraiu as crianças com tudo que elas e seus pais precisavam. Ana Luiza e as crianças obviamente queriam pegar as coisas e dividir entre a família. E quando foram pegar, foram sequestradas.

— E os guardas? — ela disse preocupada.

— Diz-se que os guardas adoravam as crianças, e por isso Wellington, o novato, os matou para nenhum falar sobre o acontecido. A lógica é que ele queria era roubar a casa e ter o pagamento dos moradores da região. Ele os escondeu provavelmente junto das crianças — falei quase desvendando o caso inteiro.

— E porque as crianças também podiam contar sobre ele ou até não deixá-lo roubar mais — falei.

— Vamos procurá-los? — disse.

Fomos procurá-los, seguindo as pistas e as pegadas.

Quando vimos que as pegadas haviam acabado, vimos muito sangue para a direita, no caminho da trilha do trem abandonado, e também achamos um boné de uniforme dos seguranças, e vimos um bilhete com várias despesas não pagas do sr. Waterstrom, e entre essas despesas uma delas era de

um lugar alugado e que não é nada conhecido, o nome é Sequestro e Cortesias. Mas eu observei que era uma pista falsa, porque era um papel modificado com um “branquinho” e computadores.

Duas horas procurando, achamos o trem.

Quando fomos olhar por dentro dele, achamos os guardas, porém um estava morto no chão. Logo depois dessa sala já não tinha nenhuma luz, aí pegamos as lanternas e vimos que na frente da porta da outra sala tinha uma chave, e a chave dizia: Chave número 11 Porão da experiência.

Quando nós abrimos, lá estava o segurança, dormindo.

E por isso fomos procurar as crianças. Demos uma volta no lugar. Ele estava escuro, e tinha várias poções, de várias cores, tipos e tamanhos, também tinha várias anotações escritas nelas, coisas sobre o crânio, o cérebro e a capacidade de viver preso, sem poder falar, fios de cabelo, da cor descrita pelos pais das crianças, um moreno, outro moreno, e dois ruivos idênticos aos do pai. Logo nisso descobrimos que o criminoso queria roubar a família Waterstrom e fazer um teste da capacidade humana. Também vimos cartas em que estava escrito o valor de quanto o criminoso iria ganhar fazendo

esse teste, e as cartas foram enviadas por uma empresa de ciência chamada Cience, muito conhecida por ter sido banida, por fazer testes para a ciência e remédios em humanos, adultos, crianças e adolescentes. Descobrimos que essas cartas foram enviadas em maio de 2015, e a empresa ainda não tinha fechado.

Eu darei ao criminoso uma espécie de Dorminid, vou colocá-lo numa sala fechada e escura, ligarei para a Srta. Camila e gritarei com as crianças.

Um tempo depois o remédio fez efeito e Thea trancou o criminoso, logo depois ela ligou para a Camila e disse:

— Alô! Estamos prestes a achar as crianças, elas sabem código Morse ou outros?

— Claro, claro, os gêmeos são muito inteligentes, sabem cada coisa... Mas pode chamá-los — disse a mãe.

E Thea começou a gritar:

— Mariana? Theo? Ana Luiza?

Aí, nós vimos as luzes piscando, várias e várias vezes; aí, eu percebi que eles estavam fazendo código Morse.

Eu traduzi assim:

– E... S...T...A...M...O...S...A...Q...U...I.

– Estamos aqui! Eles estão dizendo isso!— falei.

– Aqui onde?

– Estou vendo luzes!

– A...T...R...A...S...D...A...P..O..R...T...A...14!

– traduzi.

– Claro, na porta 14! E o dinheiro está aqui, nesse cofre! Ele diz, um milhão de dólares!

Pegamos o dinheiro e fomos logo resgatar as crianças.

Quando abrimos a porta vimos as crianças amarradas, presas, com vendas nos olhos.

Quando abrimos, elas nos deram grandes abraços, e Ana Luiza disse:

– Eram vocês, aquelas que eles disseram para não falar.

– E quem fez o código...— disse eu curiosa.

– Código Morse? — interrompeu Mariana — fui eu sim!

— Eu ajudei, em minha defesa! — disse Theo.

— Aham — disse Ana Luiza.

Demos carinho no bebê, Lucas, e fomos levá-los para casa.

Quando chegamos os pais agradeceram com todas as forças e receberam o dinheiro e os filhos de volta.

Quando fomos arrumar as malas eu disse:

— Thea, e agora? Vamos para umas férias em minha terra natal, a Itália?

— Claro! — respondeu ela.

No dia seguinte nós já estávamos na Itália.

Soraia e eu dissemos muito orgulhosas:

— Eu peguei na mosca!

— Você pegou na mosca!

— Nós pegamos na mosca!

Eu pensei: vai que acontece outro crime...



# Um assassinato em série

Henrique de Jesus e Vinicius Furuno

Eu e meu amigo detetive Royys, estávamos de férias em minha casa no bairro MITTE (onde sempre morei) assistindo o Nationale Zeitung (Jornal Nacional), quando vimos a notícia da inauguração de um navio cruzeiro chamado RMS TITTANIK, que sai de Doha, Catar, com destino a Colombo, Sri Lanka, quando resolvemos comprar duas passagens.

— Vamos lá, Gudoganv!! — exclamou Royys me chamando.

— Sim! Só um instante, deixe-me pegar a minha carteira e celular.

Pegamos o meu carro que era um AUDI e fomos para o Aeroporto de Berlim (que era um lugar muito grande e chique). Chegando lá, fomos até o balcão de CHECK IN e conseguimos um UPGRADE para a classe executiva onde vimos filmes fantásticos como: pela Turkish Airlines para Doha, Catar via Istambul, na Turquia.

Entramos no avião, sentamos no nosso assento.

Depois de 2 horas e 50 minutos de viagem, chegamos a Istambul.

Já em Istambul, fomos para a sala VIP do aeroporto, pois tínhamos que esperar 6 horas de conexão para podermos entrar no avião novamente.

Depois de mais 3 horas e 34 minutos, chegamos a Doha.

No dia seguinte, fomos comprar as passagens na bilheteria para o cruzeiro.

No dia seguinte, já estávamos esperando o RMS TITANIK chegar depois de uma outra longa viagem. Essa viagem duraria 16 dias, mas por certos problemas acabou durando 4 dias

Dia 10 de abril de 2017, já estávamos dentro do navio.

Fomos conhecendo e explorando o navio para conhecermos os restaurantes, bares, o cassino e outras atrações.

Dia 11 de abril, estávamos jantando quando vimos uma pessoa agindo de forma estranha. Nossa teoria era que ela estava planejando algo, talvez um assassinato, roubo, estupro ou outras coisas do tipo.

Dia 12, a pessoa que vimos estava conversando com alguém que parecia ser o garçom. Royys, como um belo observador, viu a faca na mão do garçom, parecendo que iria fazer algo com ela...

Ainda no dia 12, à noite, enquanto havia um jantar especial dos passageiros da primeira e segunda classe, o assassinato tinha acontecido. Quando já era 01:34 da manhã, o jantar já havia acabado, os passageiros voltaram para a parte de dentro e alguns foram para suas cabines e outros continuaram a festejar. Eu e Royys percebemos a falta de alguém no navio e descobrimos um possível assassinato ou suicídio.

Na manhã do dia seguinte, quando todos os passageiros e a tripulação já estavam acordados, fizemos um interrogatório com todos os suspeitos.

Quatro horas da manhã do dia 13, nós fomos procurar pistas pelo navio. Chegando à cozinha,

vimos gotas de sangue espalhadas pelo chão. Ficamos confusos, porque podia ser um assassinato ou suicídio. Procuramos por mais pistas e informações. Achamos algumas pegadas e a faca que Royys tinha visto, nela tinha algumas digitais, mas como não estávamos com o equipamento necessário, não descobrimos de quem era as digitais. Como isso não bastava para descobrir o assassino, fomos atrás de outras pistas. Mais tarde, achamos uma salinha secreta próxima da cozinha. Eu suspeitei dela, porque tinha objetos fora do lugar de costume e estantes remexidas. Mas isso ainda não era o suficiente para descobrir o assassino.

Quando estávamos almoçando e batendo um papo, Royys chegou à conclusão de que o assassino ERA O ORIEGASSAP.

– Você já sabe quem é o assassino?

– Provavelmente não.

Já no dia 14, passamos a manhã e a tarde inteira procurando o assassino. Ele tinha desaparecido...

No final da tarde, eu e Royys já havíamos desistido de procurar. Fomos até a beira do navio para assistir o pôr do sol.

Mas mal sabíamos que seria a última vez que o Tittanik iria ver a luz do dia...

Na madrugada do dia 14, Royys e eu estávamos dormindo, quando escutamos um ruído muito alto e também sentimos o navio dar uma leve chacoalhada. O ruído foi assim:

— RRRRRRRRRROOOORRRRR

O navio tinha colidido com uma pedra. Ficamos assustados, pois não sabíamos o que havia acontecido. A tripulação pedia calma a todos os passageiros. Mas ninguém ficava calmo. Porque ninguém fica tranquilo quando não sabe o que está acontecendo, né?

Royys não ligou para a situação e voltou a dormir, e eu não fui, porque estava preocupado.

Um pouco depois, comecei a sentir uma leve inclinação e acordei Royys. As coisas do lado esquerdo começaram a cair para o lado direito.

Fomos para fora para saber o que tinha acontecido.

Estavam vindo gritos de todos os lados.

## O NAVIO ESTAVA ODNADNUFA

A primeira coisa que veio na cabeça de Royys foi pegar as nossas coisas. Mas a primeira coisa que veio na minha cabeça foi nos salvar. Royys foi procurar a nossa cabine, mas ele percebeu que ela já estava submersa.

Sáímos correndo para achar um bote para ir. Eu achei dois coletes salva-vidas jogados no chão, então peguei-os e entreguei um para Royys e o outro ficou para mim.

Eu estava pensando se a gente pulava na água ou não, porque tinha o lado bom e o lado ruim:

O lado ruim era que a temperatura da água era de -2 GRAUS CELSIUS, se a gente pulasse, provavelmente iríamos congelar, em outra palavra, morrer.

O lado bom de a gente pular era que talvez conseguiríamos nos salvar em cima de alguma coisa, ou entrar em algum bote.

Depois de um tempo pensando, vi que não havia mais botes, resolvemos pular...

E ainda bem que pulamos, pois, momentos depois, o navio estava tão inclinado que não daria mais para ficar dentro e ele se partiu ao meio. Uma das metades do navio que se partiu caiu na água e esmagou muitas pessoas, como o assassino que era o passageiro. O nome dele era...

O que você acha que aconteceu?

MORREMOS?

SOBREVIVEMOS?

FUGIMOS?

Sim, conseguimos sobreviver, mas o assassino morreu, como já falei.

O nome dele era Griezmann Juan Cleber Motta da Silva Pereira Forberg.

Um bote que cabiam duas pessoas passou por nós e subimos nele.

Depois de umas 4 ou 5 horas parados no meio do mar sem saber onde estávamos, um navio chamado RMS FURICOS estava fazendo sua rotineira travessia de Nova York para Fiume, mas quando ouviu os pedidos de socorro do Capitão Slegj dizendo

que o TITTANIK estava afundando, mudou a rota imediatamente para as coordenadas ditas de onde o navio estava afundando. O navio chegou. A tripulação do RMS FURICOS nos ajudou a subir para podermos nos hidratar e nos alimentar, também nos esquentar, pois estava muito frio. O FURICOS voltou para Nova York e, chegando lá, os passageiros que estavam a bordo do TITTANIK desembarcaram no porto e voltaram para suas casas.

Depois do acontecido, muitos foram chamados para entrevistas, incluindo nós.

Rose Guer Beyly contou sua história e fizeram um filme baseado nos fatos de Rose.

Depois disso conseguimos voltar para casa, com um voo da Kapkam Airlines. Começamos a ler o jornal e vimos que morreram mais de 1.500 pessoas. Foi um dos maiores desastres marítimos, fiquei impressionado quando soube disso e também fiquei assustado.

Mais tarde, resolvemos dar um passeio pela cidade e fomos ao museu de história natural. Quando chegamos, o local estava vazio, achamos isso bem estranho. Avançando mais um pouco, vimos



que uma estátua muito antiga estava desaparecida.

Royys disse:

– Isso pode ter sido um roubo!!

Eu complementei:

– Um novo caso para ser solucionado!

Mas isso já é um outro caso e uma outra história...

# Assassinato no London Beach



Isabella Frug e Julia Rabello

Em uma noite de inverno, eu estava quase congelando pelo frio que fazia na vizinhança, mesmo debaixo de minhas cobertas no meu sofá cinza, assistindo um noticiário na televisão, quando, de repente, apareceu um caso que me deixou muito intrigado. Ontem, no hotel “London Beach”, em Londres, houve um assassinato, no qual a polícia estava totalmente paralisada, sem saber o que fazer. Bem naquele momento, alguém bateu em minha porta, fiquei surpreso em ver Patrícia Mello, a detetive, minha amiga.

— O que está fazendo aqui tão tarde da noite?  
— perguntei a ela, muito sonolento.

— Desculpe, Evaristo — respondeu Pat. Eu cheguei com um cobertor para cobri-la, pois tremia de frio. A ponta de seu casaco estava completamente encharcada, seus cabelos foram embaraçados com o vento e também molhado. Eu já passei por aquela situação, é uma pena que o táxi só pare

quinze quilômetros de distância de minha casa — estava no táxi e ouvi a notícia do assassinato no “London Beach” pelo rádio. Liguei para o dono do hotel e estamos no caso, já comprei nossa passagem para Londres. Vamos amanhã às dez em ponto. Me encontre no aeroporto às nove. Não se atrase.

Não tive nem tempo de pensar em recusar ou aceitar, ela foi embora às pressas e pegou um táxi que estava a esperando. Fui ao meu quarto dormir, pois ela é realmente pontual.

De manhã, acordei cedo e fui para o aeroporto. Encontrei Pat na cafeteria *Bomboniere*, ao lado da loja *Bobuu* e em frente à *Chanel*. Fomos juntos despachar a bagagem. Depois entramos no avião. Lá, conversamos um pouco sobre o caso.

— Acho que estão escondendo alguma coisa de nós — disse Pat, desconfiada.

— Como assim? — perguntei interessado — Escondendo o quê?

— Nos deram pouca informação — explicou — Só entra quem é convidado pelo próprio dono, e é extremamente chique e caríssimo, só pessoas muito ricas e bem-sucedidas conseguem concorrer a um convite. Acho improvável que qualquer um que esteja hospedado lá tenha sido assassinado. Deve ser

uma pessoa importante, que morreu por motivos diferentes, por isso não deram muita informação.

Chegamos em Londres, pegamos as malas e fomos para o hotel de táxi.

A entrada era esplêndida, cheia de flores amarelas, com uma grande trepadeira de flores brancas e com uma enorme placa escrito em letras maiúsculas bem visíveis.

### *LONDON BEACH*



— Patrícia Mello e Evaristo Cruz! — disse um homem, com a voz fina e calma, que acabara de chegar. — Meu nome é Jack Lockwood, dono do hotel. Vocês preferem ir ao quarto descansar um pouco ou já começar a investigação?

— Senhor, eu e a detetive preferimos começar a investigar.

— Se é assim deixem aqui suas bagagens, já mandei virem buscá-las. Me acompanhem, por favor.

Era um homem alto, de cabelos ruivos, meio gordo e usava um chapéu verde musgo. Ele parecia animado em nos ver, mas pude perceber nele um ar preocupado. Eu sei por que, também estaria

nesse estado se um hóspede meu fosse assassinado e toda a minha carreira estivesse em jogo. Com certeza não pensaria duas vezes em contratar Patrícia Mello.

— Hello, Jack — disse, um homem baixinho, magrelo, com um bigodinho negro como seus cabelos, ele estranhou nossa presença, e perguntou — *It's your friends?* São seus amigos?

— *Hi*, Edgar — respondeu Jack, para o homenzinho, em seguida se virando para nós — esse é Edgar Jorge Lockwood, meu querido primo, dono do hotel London Summer, aqui ao lado. Ele sempre vem me visitar e trocar uma ideia — depois ele falou para seu primo — *Dear cousin*, esses são Patrícia Mello e Evaristo Cruz, são detetives que vieram descobrir o assassinato da moça.

— *What? We don't need a detective.* A gente não precisa de detetive. *Sorry Ms. Paty, sorry mister Evaris... Evan... Edvaris... mister...*

— Evaristo — eu disse.

— *Shut up!* — ele amarrou a cara para nós e saiu resmungando alguma coisa parecida com “*silly detectives*”.

— Desculpem — Jack ficou extremamente envergonhado com a atitude do primo — ele não cos-

tuma ser muito amigável. Nada pessoal.

Nós continuamos a observar a beleza do hotel e ver se tinha alguma marca de sangue, pegadas...

O piso do hotel era de mármore branco com detalhes de cimento queimado, colunas de azulejos pretos, paredes de pedra e uma fonte de águas cristalinas com uma escultura de um cavalo. Logo que chegamos, a detetive já começou investigando, e eu pegando meu bloco de anotações.

— Veja, Evaristo — exclamou Pat — isso são pegadas de sangue!

— São mesmo — respondi. — Bem em frente à lojinha, por sinal muito bonita. Seguem até o restaurante. Que estranho!

— Exatamente — afirmou Lockwood — muito estranho, pois o assassinato ocorreu no restaurante. A vítima foi assassinada aqui na entrada.

— Poderia me apresentar os suspeitos? — perguntou minha amiga. — Gostaria de conhecê-los

— Claro! — exclamou Jack, pegando uns papéis. — O nosso garçom, Danny Doys, trabalha aqui há cinco anos. O cozinheiro, Jorge Spike, trabalha aqui há dois anos e meio. A funcionária do bar, Kate Donavan, está aqui há sete meses.

Nós entramos no restaurante. Lá estava a vítima, jogada no chão, deitada sobre sua poça de sangue. Seus cabelos estavam jogados, tapando seu rosto, mas foi possível enxergar suas avermelhadas maçãs do rosto, olhos fechados, um nariz pontudo que não me parecia estranho. De repente, senti um cheiro estranho, olhei para o lado vendo se tinha alguém por perto. Era um cheiro agradável, não me parecia ser do cadáver.

— Que fragrância é esta? — perguntei interessado.

— Rose Dausset — disse Pat, fungando o nariz — um perfume da marca “Beautiful Girl”, último perfume lançado. Infelizmente sou alérgica — ela olhou para o chão, pegando um caco de vidro — um copo de vidro quebrado perto do cadáver, ainda molhado de água, com marcas de batom da cor vermelho vivo — ela vasculhou um pouco mais — e temos esse fio de lã vermelho, parece ser de um suéter — ela procurou mais — não parece ter mais nada.



— Está tarde — disse Lockwood — vão dormir. Serviremos o café da manhã na cama para vocês. Amanhã continuamos pelo restaurante.

— Espere, Evaristo. Bitucas de cigarro aqui na frente do restaurante! Anote, isso pode ser importante.

— Não se preocupe — respondi a ela — eu estou anotando tudo que sai de sua boca.

Depois de muito insistir, consegui fazer minha amiga Pat ir para a cama dormir, pois ela queria investigar até descobrir no mínimo quatrocentas pistas.

De manhã, nos serviram ovos mexidos com *bacon*, *waffles* de chocolate e um *milk-shake* de morango. Nós fomos para o restaurante, de barriga cheia, continuar a investigação. Quando eu e o dono do hotel chegamos encontramos Pat no balcão do lojista.

— Senhor Lockwood — disse ela — poderia me informar o nome do lojista?

— Anne Maris — respondeu Lockwood — por que a pergunta?

— Achei um revólver debaixo desse balcão. E a bala já foi identificada, o tiro dado na vítima foi feito por um desses.



— Ah, se é assim — riu Jack — Não tem problema, pois todos os funcionários têm seu próprio revólver, todos iguais, para se defender quando necessário. Mas deveria estar na prateleira de trás dentro de uma caixa.

— Ela gosta de Victoria Justice? — perguntei.

— Já a vi se interessar bastante, mas os outros preferem Tayane Martine.

— E por que não nos contou que Justice era a morta?

— Me desculpem — gaguejou Jack — eu pensei que sabiam.

— Tudo bem, mas saiba que qualquer coisa pode ser uma informação importante — disse Pat.

— Gostaria agora de interrogar os suspeitos.

— Claro! Podem ir, eles estão esperando no restaurante, dentro da cozinha.

Nós fomos e começamos por Kate Donavan. Entramos em uma sala fechada do restaurante.

— O que estava fazendo às sete e meia na noite do assassinato?

— Estava lendo um livro no meu quarto.

— E é costume seu fazer isso?

— Sim, essa hora eu sempre leio.

— Obrigada, Srta. Donovan, pode se retirar.

Depois fomos falar com Jorge Spike na mesma salinha fechada.

— O que estava fazendo às sete e meia na noite do assassinato?

— Estava cozinhando para a minha esposa Karine e minha filha Justine.

— E é costume seu fazer isso?

— Sim, porque Karine não cozinha e Justine tem cinco anos.

— Obrigada, Sr. Spike, está liberado.

Antes de continuarmos, eu perguntei:

— Por que fez poucas perguntas aos suspeitos?

— Porque já tinha as informações que precisava — ela me respondeu, muito confiante — não podemos ir para o quarto enquanto não terminar o interrogatório. Será que você poderia chamar Danny Doys?

Bom, eu não podia discutir com a detetive, ela é muito teimosa, então falamos com Danny Doys.

— O que estava fazendo às sete e meia na noite do assassinato?

— Estava fumando cigarro.

— Onde?

— Comecei na entrada do restaurante e parei no meu quarto.

— Então aquelas bitucas na frente do restaurante...

— Não! — berrou uma senhora de idade, baixinha e cabeluda, com uma toca na cabeça e de voz rouca que vinha do corredor. — Não foi ele!

— Quem seria a senhora? — perguntei a ela, como uma autoridade.

— S-sou — gaguejou ela, com muita vergonha, por sinal. — Mary Holiday, a faxineira do hotel...

— E por que tanta certeza na inocência do senhor Doys? — perguntei novamente.

— Porque eu vi o assassinato — respondeu, com tanta certeza que acreditei. — Eu estava no corredor quando aquele ser matou a sra. Victoria Justice

Esta revelação nos abalou muito, mas por outro lado nos ajudou bastante. Mary era uma testemunha do crime, que vira o assassinato com seus próprios olhos.

— Diga-nos, senhorita Holiday — começou Pat, delicadamente, para não a assustar — quem foi o criminoso? Pode confiar em nós...

— Não! — berrou Mary, virando-se em seguida e correndo para os corredores onde ficava seu quarto, trancou a porta e de fora podia-se ouvir ela chorando e pensando alto:

— Por que eu disse aquilo, por que eu disse aquilo...

— Isso é muito suspeito — disse Pat, analisando — Ela não pode esconder uma coisa tão séria por vontade própria. Senhor Lockwood, poderia chamar um outro funcionário fora do caso para eu interrogar? Preciso saber de umas informações que todos devem ter.

— Claro — disse ele, pegando seus papéis de costume, mas seu telefone tocou — Só um minuto... Jack Lockwood falando. Senhor Bates, como vai a minha cachorra, Petty? Que bom ela ter se recuperado, já vou, até mais. Bom onde estávamos... achei... a recepcionista Candy Diane, a segurança Julie Calline e a jardineira Laila Turner poderiam lhe ajudar?

— Sim, acho que elas seriam bem úteis. Poderíamos começar agora?

— Claro! — respondeu Lockwood, como de costume — mas terão de fazer isso sem mim, eu irei buscar minha cachorra Petty no veterinário, ela foi às oito da noite três dias atrás, pois estava com as patas cheias de sangue e havia perdido dois dentes.

Eu e Mello não nos preocupamos e começamos as investigações com Candy Diane, na mesma salinha obscura que interrogamos os outros.

— Quais dos funcionários aqui do hotel são mais próximos da senhora?

— Julie Calline e Laila Turner, nós temos um caderno apenas com dados pessoais sobre os outros funcionários.

— Muito obrigada, srta. Diane. Está liberada.

Depois falamos com Julie Calline, sempre na salinha.

— O que sabe sobre Mary Holiday?

— Nada de cabeça, está tudo em um caderno, mas me lembro dela ter uma paixão.

— Obrigada, srta. Calline, está liberada.

Depois conversamos com Laila Turner.

— Mary Holiday é próxima de você?

— Não. Mas tenho informações pessoais dela em um caderno.

— Poderia me emprestar esse caderno?

— Sim, mas nenhuma das minhas amigas podem ficar sabendo que eu te emprestei ele. É um segredo nosso, está bem?

— Com certeza.

— Muito obrigada, pode sair.

Quando voltamos, perguntei, muito curioso:

— Por que pediu esse caderno?

— Bom — respondeu ela, folheando as páginas sobre Mary — ele tem informações importantes que podem me ajudar a tirar uma dúvida. Vejamos... Achei! A paixão da faxineira, vou ler para os senhores — a sala de Lockwood tinha as paredes cor cinza-queimado e o chão de madeira, a mesa tinha um tampo de vidro, embaixo da mesa tinha um tapete de pelo de zebra e outro de tigre. Ela sentou em uma poltrona de couro e começou a ler — “Mary Holiday, faxineira do London Beach há onze anos, tem uma paixão secreta. Sempre notamos que ela sorri e fica trêmula ao olhar para ele, quando sabe que vai ter uma reunião com todos os funcionários, arruma-se bem, faz uma maquiagem e um coque no cabelo. Ela sempre quer defendê-lo, mesmo se arriscando bastante. Seu amor vai sempre continuar por Danny Doys, o garçom do restaurante.”

— Então essa paixão é pelo Doys — riu Jack  
— sempre pensei que se encantava por Spike, fica elogiando como sua comida era boa, mas qual o sentido disso?

— Para entender o sentido — disse a detetive  
— preciso de uma prova para confirmar. O restaurante tem câmeras de segurança?

— Sim, da melhor qualidade de Londres.

— Eu poderia ver as gravações?

— Claro! Mas a polícia já viu e o criminoso não é visível, só o cadáver sendo jogado.

— Tudo bem, quero apenas confirmar uma suspeita.

Nós fomos até as salas de segurança e vimos uma gravação feita minutos antes do assassinato. Na cena apareciam Jorge Spike, Danny Doys, Kate Donavan e Anne Maris conversando.

— Como essa tal de Justice foi aparecer no hotel? — reclamava Jorge — a Tayane Marine bem que poderia se hospedar aqui.

— Ei — protestou Anne — A Victoria é muito melhor que a Tayane, pare de insultá-la!

— Cale-se, Anne — berrou Kate. — Ninguém pediu a sua opinião! Que sorte seu marido fale-

cer, assim ele não precisa mais conviver com você!  
Aquele velho idiota!

— Mais respeito com meu marido! — gritou Anne — Ele adoeceu gravemente e teve um enfarte!

— Já chega — terminou Danny, virando-se para os três. — Terminem essa briga, não há mais nada para se discutir, deixem essa senhora chorando por seu completo idiota.

Anne chorava fortemente, suas lágrimas caindo e inundando o chão. Mas ela se levantou e saiu, deu um grito e ouviu-se o tiro. O corpo foi atirado no restaurante, alguma coisa foi borrifada, alguém bebeu água e saiu, deixando o copo na beira da mesa, que caiu no chão e se quebrou. E tudo terminou com um latido forte.

— Minha nossa! — disse Lockwood — a assassina foi Kate, ela odiava Victoria, se irritou com Anne e descontou sua raiva na pobre cantora! Essa moça deve ser punida por esse crime, mandarei os policiais virem aqui e...

— Errado, meu caro Lockwood — disse Pat — prenda Anne Maris, ela é a verdadeira assassina!

— Não confie nela — gritou Anne, abrindo a porta, demonstrando que ouvira tudo. — Ela está mentindo! Eu não cheguei perto daquela mulher!



Eu amo a Justice. Kate Donovan, Jorge Spike e Danny Doys que preferem Marine!

— Quieta Anne, se a grande detetive Patrícia Mello diz que você assassinou, não tente fugir — ordenou Lockwood.

— Armaram para mim, alguém armou pra mim! Ela está envolvida nisso! Quer me prender! Não fui eu!

— Anne Maris — interrompi — Poderia se retirar? Eu e o senhor Lockwood gostaríamos de ouvir os argumentos da detetive para ter certeza de que o que ela diz é verdade ou não.

Ela se retirou e Pat sentou na cadeira ajeitando o casaco marrom-claro.

— Vamos, Pat — implorei. — Conte-nos como descobriu esse crime impossível.

— Ah — começou ela, se preparando — muito simples, Evaristo. Quando vi a gravação, tudo se resolveu. Por insultar seu marido, Anne resolveu incriminar os três funcionários, ela puxou um fio do suéter de Kate para deixá-lo no chão. Quando matou, ela pisou na poça do sangue que escorria das costas da mulher, deixando pegadas. Como fez esforço carregando o corpo, ela ficou com sede, bebeu um copo de água e deixou cair da mesa. Dan-

ny deixou as bitucas depois de fumar e Anne fingiu estar limpando para a faxineira não precisar limpar. Mas não limpou. Ela gritou para fingir que era testemunha e não levantar suspeitas. Espirrou um pouco do perfume usado por Kate Donovan, que ela também possuía. Quando voltou à lojinha, outro hóspede havia chegado lá, jogou o revólver debaixo do balcão para ele não ver ou suspeitar de algo, depois esqueceu de guardá-lo no lugar.

— Mas isso não faz sentido — protestou Jack — Anne amava a Victoria, por que ela a mataria?

— Eu também me fiz essa pergunta — disse Pat, abrindo o caderno. — Lendo esse tal caderno, descobri que Anne era perdidamente apaixonada pelo seu marido, mesmo depois de morto. Ela fazia qualquer coisa por ele, assim, tinha sonhos com ele. Ela teve coragem de matar sua cantora predileta, bom, nem tanto, pois ela preferia secretamente Felice McCallyster.

— Minha nossa! — exclamou Jack. — Vou ligar imediatamente para a polícia, não acredito que contratei uma louca vingativa como vendedora da lojinha!

Depois da polícia chegar e prender Anne Maris, eu perguntei a minha amiga:

— Pat, já posso comprar as passagens de volta para o Brasil?

— Vocês já vão embora?! — perguntou Lockwood, nos oferecendo uma proposta. — Não vejo outro modo de lhes agradecer pela resolução deste caso, a não ser de ficarem aqui no hotel de graça. Aceitam?

— Claro! — exclamou Pat. — Mas só irei se meu parceiro for também. Você aceita, Evaristo?

— Aceitarei com o maior prazer — respondi, muito feliz. — Eu adoraria passar minhas férias aqui.

— Que ótimo — empolgou-se Jack, pegando os papéis. — Podem ir às suítes 435 e 436, no quarto andar, ou vocês preferem ficar no primeiro andar?

— O que você acha Pat, no sétimo ou no décimo segundo andar?

— Pode ser no sétimo andar — disse Pat.

— Está bem, mas só quero avisar que o quarto de vocês vai ser no final do corredor. Os quartos 1073 à direita e 1074 à esquerda. Na metade do corredor tem um elevador que sai na frente do restaurante, se precisarem tem uma escada do lado direito do quarto dos dois, que sai para a recepção.

Nós subimos aos nossos aposentos, que tinha a vista para uma praia não muito longe, o mar tinha águas transparentes, com umas palmeiras antes da areia, que era branca e muito fina. O quarto era muito aconchegante, tinha uma poltrona do lado da cama, era uma cama de casal. No banheiro, tinha uma banheira.

Passaremos as nossas férias naquele maravilhoso hotel e, assim que voltarmos para o Brasil, mandaremos uma carta para a polícia dizendo como foi a resolução, e assim poderá ser publicado no jornal.

# O enigma do Adolfo Bitler

Lucas de Oliveira e Theo Scott

Eu estava deitado no meu sofá, quando bateram na porta. Era o jornaleiro entregando o jornal do dia, o jornal Folha de Pernambuco. Imediatamente bati o olho na manchete, onde estava escrito que um homem havia sido enforcado em um guindaste de um prédio em construção.

Rapidamente liguei para meu amigo Chapson, — que era um grande detetive. Ele sempre resolveu os crimes pelas recompensas, que eram muito valiosas, como era um pouco pobre e ganancioso exigia esse pagamento. Ele sempre foi meu melhor amigo e meu parceiro de trabalho.

Quando ele chegou em casa, exclamei:

— Finalmente! Você demorou muito.

— Desculpe, estava muito ocupado resolvendo outros crimes.

Nós entramos no carro, com destino ao prédio do crime, a viagem foi muito longa e entediante,

demorou cerca de duas horas. Quando chegamos, subimos ao topo do prédio e nos deparamos com um cadáver, apenas de cueca e enforcado em uma corda presa ao guindaste. Fiquei apavorado.

— Meu Deus, como alguém pode fazer isso! — disse Chapson horrorizado.

Logo comecei a investigar, horrorizado com a forma brutal que a vítima foi assassinada, mas percebi que meu amigo estava despreocupado e parecia que ele já conhecia o local. Achei uma caixa de ferramentas aberta, só por curiosidade abri e vi um uniforme policial e por isso gritei empolgado:

— Tem um uniforme de policial jogado ao chão!

Chapson logo veio correndo.

— Huumm! — disse Chapson entrando no assunto. — Interessante, parece que esse uniforme é da vítima, tem algumas amostras de cabelo nesse boné.

Fiquei muito surpreso com a rapidez do pensamento dele, porque eu não lembrava dele ser um detetive tão ótimo.

— Vamos comparar o DNA — respondi com um sorriso ansioso.

BUM! Ouvimos um estrondo parecido com o de uma arma. Rapidamente nós saímos correndo atrás desse barulho. Achamos um criminoso descendo as escadas. Eu e Chapson o encurralamos e o prendemos.

Voltamos para o covil de investigação, para interrogar o criminoso capturado. Descobrimos que ele trabalhava para um tal de Adolfo Bitler. Também descobrimos que o nome do interrogado era Crebinho.

Imediatamente liguei para o xerife, pedi para interditar o local do crime e disse que futuramente iríamos voltar ao local do crime.

No dia seguinte, fomos ao prédio investigar novamente. Na subida achamos um celular jogado, dei-o para Chapson, porque ele tinha código. Quando chegamos ao topo do prédio, logo coletamos uma amostra de cabelo do cadáver.

Começamos a buscar pistas no guindaste, Chapson, despendurou o cadáver para mandá-lo ao necrotério e examinar a corda. Depois disso fo-

mos procurar por mais pistas, eu achei um pouco de sangue no concreto, talvez o sangue fosse de um trabalhador ou talvez ele tenha se ralado, porém não tinha como ter certeza, fomos fazer o teste. Eu estava certo.

Fiquei muito assustado com o raciocínio rápido de Chapson, porém fiquei bastante desconfiado.

— Achei algo interessante! — gritou Chapson interessado. — Um colete a prova de balas embaixo do concreto.

Rapidamente fui correndo em direção a Chapson e encontrei-o tentando tirar o colete.

Quando finalmente tiramos o colete debaixo do concreto, vimos que estava baleado. No momento disse para nós fazermos datiloscopia, mas Chapson disse que o colete era muito grande e pesado para levar ao covil de investigação.

Ao chegar ao covil nós fizemos a comparação de DNA do boné e do pedaço de cabelo da vítima. O DNA deu igual. Também fizemos datiloscopia na corda que estava presa ao pescoço da vítima e comparamos com a de Crebinho, ele era o assassino, mas a coisa era mais complicada do que isso.



Quando fomos investigar o celular, descobrimos que Crebinho foi pago para assassinar esse policial porque esse tal de Adolfo era um grande traficante muito rico.

Meu amigo Chapson foi para a delegacia ver se esse Adolfo tinha ficha criminal. Quando ele chegou da delegacia, me contou:

— Eu vi que a mulher do Adolfo foi pega e condenada à pena de morte uma semana atrás.

— Foi por isso que ele contratou o Crebinho.  
— resmunguei empolgado.

— Exatamente! Ele estava com muita raiva e com sede de vingança! — Chapson gritou muito relaxado.

— Talvez tenha sido esse policial quem executou a mulher dele — falei empolgado.

— Mas e agora como vamos encontrar esse tal de Adolfo? — questionei meu amigo Chapson, já começando a pensar.

— Aqui, olhe! — Chapson disse já com o celular na mão. — Vamos rastrear essa a ligação.

— Você é um gênio, Chapson! Mas... Como você garante que esse número é do Adolfo? — indaguei entusiasmado.

— Simples, esse Crebinho é um grande dedo-duro — ele falou animado.

— Não pode ser tão simples assim, talvez isso seja uma armadilha — eu disse perdendo o ânimo.

— Claro que não, Epaminondas, deixa de bobeira — Chapson disse com um olhar irônico.

— Tudo bem, se você não quiser acreditar... Enfim, vamos logo rastrear essa ligação — falei desconfiado.

Rastreamos a ligação e descobrimos que a base ficava num esgoto próximo ao prédio. Rapidamente entramos no carro e fomos direto ao esgoto.

Quando chegamos ao esgoto, vimos que ele era de difícil acesso. Por sorte havia uma corrente ao lado do prédio. Quando finalmente conseguimos descer, haviam dois homens com pistolas apontadas somente para mim, tomei um susto. Chapson gritou bem alto:

— Não atire, Adolfo! Ele está do nosso lado.

— Por acaso esse é o Epaminondas? — Adolfo perguntou desconfiado.

— Si... — eu tentei responder.

— Cale a boca, Edinaldo — Chapson me interrompeu.

Naquele momento entendi o que estava acontecendo...

— É só um velho amigo — respondeu Chapson com aquele sorriso maroto.

Por um instante fiquei muito bravo, sentindo que tinha sido traído, mas logo ouvi Adolfo perguntando:

— Vamos direto ao ponto, você matou Epaminondas?

— Cla ... Claro que sim, você conhece meus serviços — Chapson gaguejou com medo de eu abrir a boca.

— Hum... mostre-me uma prova disso — Adolfo resmungou arrogantemente.

— Eu estou com a cabeça dele aqui na minha bolsa, quer ver?

— Claro que sim! Por que não?

Nesse momento, Chapson enfiou a mão em sua mochila, sacou sua pistola e deu um tiro na cara do desgraçado do Adolfo. O capanga de Adolfo rápido como um raio, deu um tiro no ombro de Chapson, que gritou desesperado:

— Aaaa, desgraçado!!!

Quando o capanga apontou a arma para mim, eu me joguei no chão e peguei a arma, dei um tiro no coração do capanga, porém Chapson continuava a gritar:

— Aaaaa, ai, já matou esse desgraçado? Aaaaa, me ajuda.

— Dá pra calar a boca, Chapson — falei muito irritado.

— É que não foi você que tomou um tiro no ombro, palhaço! — Chapson falou indignado.

— Está doendo, vossa Majestade?

— Você é mesmo uma piada, Epaminondas! Vamos, me tire desse inferno logo...

Foi extremamente difícil tirar o colete daque-

le buraco porque ele não conseguia agarrar na corrente e subir. Mas foi aí que eu tive a brilhante ideia de amarrar o tronco de meu parceiro na corrente e o puxar para cima. O meu plano deu certo.

Quando finalmente chegamos, perguntei a Chapson o que exatamente aconteceu lá embaixo e ele me respondeu gemendo de dor:

– É uma longa história, só me leve logo para casa, que eu tenho um kit médico.

– Isso é loucura, você precisa urgentemente de atendimento médico.

– Deixa de frescura, só faz o que eu estou te pedindo, por favor!

– Tá bom, eu te levo para casa, só não me julgue se você perder o braço, então...

Ajudei meu amigo a enfaixar o ombro e percebi que não havia furo algum, mas eu não liguei, porque ele estava fazendo muito drama.

Quando parei meu carro na garagem, percebi que tinha um furgão preto me perseguindo com homens de preto dentro dele.

Ao abrir a porta de casa, dei de cara com um homem mascarado, olhei pra trás para sair correndo e tomei uma coronhada.

Acordei com fortes dores de cabeça e com as mãos e pés amarrados em uma cadeira. No momento entrei em pânico, tentei gritar por socorro, mas minha boca estava tampada com um pedaço de pano.

Mas logo me acalmei, porque ouvi uma voz familiar vindo de trás de mim. Era Chapson sussurrando:

— Vamos logo sair desse lugar...

Logo depois chegaram quatro homens armados. Chapson tomou um susto e rapidamente se escondeu debaixo de uma mesa.

Depois de cerca de 5 minutos, os homens foram embora e ele me libertou da cadeira. Ligeiramente fomos embora daquele buraco e entramos no carro de Chapson. Ele me disse que precisávamos conversar sobre o crime.

Quando chegamos na casa dele, me disse:

— Epaminondas, vamos embora daqui logo.

— Mas por quê? — perguntei. — Vamos resolver este caso.

— Só vamos embora, esse crime não compensa, é perigoso demais — disse Chapson.

— Não, nós precisamos prender os caras que me sequestraram.

— Epaminondas, você vai por bem ou por mal! — Chapson gritou apontado uma arma para mim — Eu me envolvi em um caso muito perigoso sobre gangues! Você já viu o que aconteceu!

— Eu não acredito, você armou para mim, eu achei que nós éramos amigos. Vou chamar a polícia agora mesmo!

— Se você chamar a polícia, você é um homem morto, por favor, não chame.

— Eu vou chamar...

— Se você encostar no celular, não vou hesitar em atirar!

— Tá bom, eu vou embora, só abaixe essa pistola. Saí da casa de Chapson indignado com a atitude dele. Será que todo esse tempo eu estava sendo traído? Isso tinha que ter uma explicação.

Cheguei em casa e liguei todas minhas suspeitas sobre Chapson, confirmei a minha teoria de que nele não levou tiro algum. Fui ao local do “tiroteio” e percebi que não havia corpo algum lá. Achei uma arma no chão e chequei se tinha munição, mas para minha surpresa as balas eram cápsulas de sangue. Com isto em mente, liguei os pontos e *voilà* descobri a verdade por trás de tudo.

Chapson sempre foi o assassino do policial, porque o policial estava quase descobrindo que ele era o assassino, também ele não poderia encontrar o Crebinho e o Adolfo tão rápido. Chapson nem atirava tão bem a ponto de conseguir matar dois homens fortemente armados. Cheguei a uma conclusão do crime. Na verdade, Chapson era Adolfo e ele forjou a morte dele para ninguém desconfiar que ele era o criminoso e, na hora que ele supostamente matou Adolfo, ele contratou um dublê.

Liguei para a polícia imediatamente, o xerife me buscou e fomos a casa de Chapson e ele estava na frente da casa dele e meteu o pé rapidamente. O xerife ligou a segunda marcha e perseguiu meu amigo. Como ele era muito bom piloto, nos despistou diversas vezes, mas nós o achávamos.



Quando ele chegou ao aeroporto, atropelou as catracas sem dó e mesmo tomando tiros foi em direção a um cargueiro de carros. A porta do avião estava fechando, mas Chapson continuou e conseguiu entrar, porém, logo depois, a porta do avião fechou. Tentei gritar, mas o piloto não ouvia.

Saí do aeroporto chateado, mas admirado de quanto Chapson era esperto. Depois disso, ele virou um dos criminosos mais procurados do mundo, por isso ele nunca mais foi achado nem visto por ninguém, mas posso admitir que senti falta de meu amigo e aposto que ele também.

Eu, Epaminondas, continuei a viver minha entediante e solitária vida de detetive.

# O mistério da máscara negra



Gabriel Queiroz e Matheus Bachega

Em 1980, eu, Suflique, e meu amigo Euros estávamos em Paris. Nós servimos juntos o exército, marinha, éramos militares e agora somos detetives profissionais.

Um dia, estávamos tomando café, no alto de uma montanha, em um restaurante muito lindo, e discutíamos sobre o que achávamos sobre Paris. Enquanto nós conversávamos, ouvimos uma notícia no rádio que dizia sobre um roubo em um hospital muito famoso e grande. Ficamos interessados. Fomos resolver o caso imediatamente!!!

Quando chegamos ao local do crime, fomos ver as pistas, que eram: bitucas de cigarro, pegadas, uma marca de batom em um copo de vidro e terra no peitoril da janela. Levamos imediatamente para a delegacia para investigá-las.

Depois de três dias investigando as pistas, descobrimos que as bitucas de cigarro eram de um médico chamado Jack, a marca de batom no copo

era de uma secretária chamada Mary, as pegadas eram do médico e a terra no peitoril da janela era do faxineiro chamado Augusto.

Eu disse ansioso:

— Vamos conversar com eles imediatamente!

Euros respondeu calmamente:

— Sim, mas não na delegacia para não acharem que são suspeitos, e sim no Hotel du Palas Royal, com aquele gramado, piscina grande, muito bonito, e depois conversamos. Enquanto resolvermos o caso podemos ficar nesse hotel?

— Sim, claro.

Depois de um dia, fomos conversar com os suspeitos. Quando chegamos lá, falamos para a balconista:

— Queremos falar com Jack, Mary e Augusto, por favor, se perguntarem quem é, digam que somos visitas.

A pessoa que estava nos atendendo ligou e falou para eles descerem, porque duas visitas queriam falar com eles. Desceram, e conversamos primeiro com o Jack:

— Houve um roubo no hospital que você trabalha, você soube?

Ele respondeu meio irritado:

— Claro! Eu trabalho lá, como não poderia saber?

Euros falou baixo:

— Precisamos saber se você fuma?

Jack respondeu:

— Posso ser um médico, mas fumo por quê?

Euros falou:

— Não, é porque você tem uma caixa no seu bolso, você já pode voltar para seu quarto, mas chame a Mary, sua secretária.

Ele a chamou e eu disse:

— É sobre o roubo do hospital onde trabalha, por sinal ele é muito bonito e grande.

— Sim, ouvi pelo o rádio.

— Um dia antes do roubo você estava no hospital na sala do Jack, seu chefe?

Ela afirmou:

— Sim, estive.

Euros exclamou:

— Já está dispensada, mas chame o faxineiro que está sentado na cadeira aí fora.

Mary fez o que mandamos, chamou o seu faxineiro e ele veio rapidamente.

Eu perguntei:

— Você soube de um roubo no hospital em que trabalha?

Augusto respondeu:

— Sim, soube por um jornal.

Meu amigo perguntou:

— Você faz faxina todo dia?

Ele respondeu:

— Sim.

Eu disse:

— Já pode voltar para o seu quarto.

Ele voltou para o quarto.

Voltamos para a delegacia e fomos investigar o local do crime.

Quando chegamos, ficamos três horas e achamos um pé de cabra que levamos para o nosso laboratório, e vimos uma impressão digital. Fomos ver de quem era, mas ouvimos um barulho: alguém bateu na cabeça do meu amigo e saiu correndo, eu saquei a minha arma do cinto e fui atrás dele. Dei um tiro na perna, peguei Euros e fui pegar o pé de cabra, mas não estava mais lá. Coloquei meu amigo no carro e fomos para o hospital imediatamente.

Quando chegamos, os médicos o levaram para o pronto-socorro. Depois de um tempo, fui informado que não era nada grave, mas iria ter que ficar em observação. Voltei para o hotel em que eu estava hospedado, tomei um banho, ao terminar tocaram a campainha.

— Quem é? — eu perguntei.

— Sou o faxineiro do hotel — ele falou.

Abri a porta e era uma pessoa com uma máscara preta, ela me deu um tiro e saiu correndo, logo o segurança veio e me ajudou, me levou para o hospital.

No hospital retiraram a bala ensanguentada, em uma operação de vida ou morte, costuraram minha barriga e voltei para o hotel. Quando che-

guei fui ver algumas pistas. Achei uma pegada no tapete, recortei e levei para o laboratório. Ao chegar avistei o Euros em seu fusca, ele me ajudou a investigar a pista e vimos que a pegada era igual à do médico.

— Conseguimos! — exclamei.

— Peça para fechar os aeroportos e se partir alguém suspeito pergunte qual era o destino — Euros falou.

Eu liguei e fecharam o aeroporto, mas tinha saído um voo para Roma com ele a bordo. Pegamos um voo direto, fomos seguir o nosso objetivo.

Depois de 2 horas, chegamos, nos hospedamos no hotel Imperial Penthouse, chamamos todos os policiais e fomos investigar se ele tinha parentes que morava em Roma. Não achamos nada. Quando saímos, observamos que havia um carro nos seguindo, avisamos os policiais. Quando chegamos ao nosso destino, os policiais encurralaram o carro e um policial pediu para ele abaixar o vidro. Ao abaixar, era a minha esposa que se chamava Melissa, que falou apavorada mente:

— Tentaram me assassinar, era uma pessoa com máscara preta e estava armada com um pistola!!!

Eu respondi desesperado:

– Vamos para a minha casa!!!

Quando chegamos, não havia mais ninguém. Fomos ver se tinha algumas pistas, achamos essas pistas: janela quebrada, uma granada, pistola de calibre pequeno e um vidro de veneno. Levamos para o nosso amigo investigar, ele se chama Bobeli Soerguer, serviu conosco o exército, marinha e militar.

Depois de um dia, ele nos ligou falando que havia digitais no vidro, era veneno de um cozinheiro chamado Luiz Parque, que era muito famoso, mas foi preso por vinte anos por tentar envenenar um dos homens mais ricos da França que se chama Jason Qu. O cozinheiro mora na casa 174 na rua Curtume. Quando estávamos chegando, o nosso amigo nos avisou que houve um roubo ao banco.

Chegamos aonde houve o roubo, a polícia já havia chegado, vimos as pistas que eram: pé de cabra, pistola e uma máscara preta. Cochichei com Euros:

– Um homem foi aonde estou hospedado e tentou me matar, e tinha a mesma máscara que estamos vendo agora.



Ele reclamou:

— Você nem me contou!

Levamos as pistas para a casa do nosso amigo.

Quando chegamos, vimos que a máscara, a pistola e o pé de cabra estavam todos com a digital do faxineiro.

Depois de três dias, fomos de novo ao local do crime e encontramos uma caderneta que tinha nomes, que eram: Mary, Luiz Parque, Jack, Edison e Jason.

Nossos cérebros ficaram muito confusos, mas falamos para o BoBe Li e pedimos para ele ver onde estavam. Depois de duas horas, ele nos ligou e disse:

— O médico estava indo para Inglaterra, a secretária para Portugal, o faxineiro para Rússia, o cozinheiro para China.

— Vamos pegá-los no aeroporto!!! — eu exclamei.

Quando achamos o cozinheiro, ele nos olhou e saiu correndo, fomos atrás dele, e Euros exclamou:

— Eu vou pelo outro lado.

Euros o pegou, o prendeu, e perguntamos:

— Por que correu?

— Porque estava atrasado para o voo — ele exclamou.

Logo em seguida nosso amigo nos ligou falando que tinha ido para minha casa, que era para irmos lá.

Quando chegamos, ele nos mostrou que tinha uma faca embaixo da cama de sua mulher, com uma impressão digital que era do Jason, e quem tinha roubado o hospital era o médico. — Onde eles estão? — perguntou o Euros.

— Eles irão ao jogo de futebol hoje à noite, planejam se vingar do jogador que se chama Lorenzo Moraes Silva Baran, que é patrocinado por Jason — ele nos informou.

Nós fomos correndo para o estádio chamado San Siro. Quando chegamos, pegamos um cachorro-quente e fomos ver o jogo, quando sentamos em nossos lugares, o médico estava dois lugares abaixo de nós, e o Jason estava do outro lado do campo.

Euros e eu os prendemos antes que fizessem alguma coisa, e depois fomos tirar férias.

Os dois foram para a cadeia e pegaram prisão por 25 anos.

# Um mistério impossível



Gabriel Padilla e Pedro Salles

Sou a detetive Kátia Frazão, auxiliar da detetive Paula Sesso.

Há muitos anos atrás, no século XX, ocorreu um assassinato em um navio de turismo maior que o normal, de aproximadamente 2 quilômetros de extensão e 500 metros de largura, que embarcava de Roma, na Itália, com a missão de levar passageiros para um cruzeiro turístico no Oceano Atlântico com destino ao Brasil.

Neste dia, eu estava assistindo TV, quando a detetive Paula me falou sobre o crime e se mostrou motivada a resolvê-lo:

— Não podemos deixar a situação assim, precisamos investigar, e rápido. O mistério quase impossível não pode ficar assim, precisamos salvar o planeta Terra, avante!

No dia seguinte, continuamos a investigação e achamos uma carta para o gerente em seu bolso, o ameaçando e uma foto no topo direito de um sujeito alto, uma barba muito longa e cabelo que não aparece na foto (já que o sujeito estava com um sobretudo tampando todo o corpo), em letra de computador, que dizia o seguinte:

“...se você não se entregar com todo o seu dinheiro, o matarei hoje de madrugada com um silenciador de arma ultrassilencioso, cuidado!”

Achamos estranho uma carta dessas dizendo isso.

Podemos afirmar que o dono da carta com certeza é o assassino.

Descobrimos que a carta estava com gotas de sangue em uma das pontas.

— Curioso! — exclamou Kátia.

— Verdade! — respondi. — Uma carta com gotas de sangue? É muito estranho! Bom, vamos continuar para ver se encontramos alguma testemunha que saiba de mais informações!

– Alguém sabe de alguma coisa???

Uma pessoa que fazia parte da tripulação, que ficou no quarto ao lado da cena do crime, gritou algo muito significativo e importante:

– Meu nome é Gerson. Quando escutei passos, olhei pela janela do meu quarto, vi uma bala de arma em um dos órgãos essenciais para a nossa sobrevivência, o coração. Estavam sendo jogados juntos ao mar. É por isso que a vítima está sem o coração.

– Essa informação nos ajudou muito, obrigado!

– O que é isso? É o coração!!! – gritou Kátia.

Kátia deu um pulo no mar para agarrar o coração.

– Peguei!!! – gritou Kátia.

Todos ficaram surpresos com a coincidência. Falei para analisar com cuidado e vimos que a bala havia danificado muito o coração, que estava pela metade. Gritei:

— Que horror! Que crime terrível!

Fomos ver o coração com um microscópio em um laboratório perto da costa, 30 minutos de carro.

Pegamos nosso Lamborghini e fomos até o laboratório.

Chegamos ao laboratório e examinamos o coração. Pelas digitais, descobrimos que o criminoso é o gerente do cassino.

Agora vamos procurar o assassino, 48 anos de idade, traficante de drogas e armas, assassino de aluguel e seu nome é Janílson Fretas. Espiamos pela janela e vimos o Janílson com seu celular falando com uma pessoa:

— Ah! O plano está dando muito certo, ninguém está desconfiando de nada, em breve teremos o MUNDO!!! Escuta, se até amanhã nós conseguirmos pegar alguma notícia, conquistaremos o mundo!

Achamos estranha e muito suspeita essa conversa, quando tive um plano:

— Que tal se entramos pelo porão, já que a porta de lá está aberta?

— Ótima ideia — sussurrou Kátia.

Nós entramos e pegamos o Janílson tentando fugir. Lancei dois facões que o acertou nos dois tornozelos, depois prendemos uma corda em sua cintura e outra em seu pé.

Chamamos a polícia civil de Roma para ajudar, adivinha a resposta:

*“Alô, aqui é da polícia civil de Roma, chegaremos em 1 hora e meia!”*

Teríamos que segurar o Janílson por 90 minutos, com ele gritando nas nossas orelhas.

Depois de duas horas, os policiais chegaram e fizeram perguntas.

Ele foi levado para a delegacia, trabalho feito.

Fomos falar com o prefeito Rogério Ceni e seu assistente Mbappé Furuno.

No dia seguinte aconteceu o julgamento. Depois de um leilão de todas as coisas de Janílson, todo o dinheiro do leilão foi para a caridade e ele pegou prisão perpétua.

O juiz fez um discurso:

— Senhor Janílson, você fez algo muito imperdoável. Para o resto de sua miserável vidinha, essa será sua rotina: acordar às 05:00, tomar banho de no máximo 2 minutos, tomar um café bem amargo, com ovos cozidos, caldo de feijão com vitamina de melão e batata frita do dia anterior. Quinze minutos de digestão, colher vegetais, trabalhar para o gerente da cadeia até às 03:00 da manhã e, se não obedecer o gerente, ele te dará 10 chineladas e 10 chicotadas até desmaiar. É melhor obedecer, se falar alguma coisa, morre agora, imbecil!

Enquanto ele estava sofrendo e sendo massacrado, estávamos indo ao aeroporto internacional de Paris (Capital da França), íamos para Bruxelas, nossa cidade favorita da Bélgica.

Chegamos bem e fomos para o hotel, estávamos vendo a vista da varanda quando vimos alguns



policiais na rua. Perguntamos o que havia ocorrido, era um caso muito sério, mas esse, os policiais não iriam conseguir desvendar sozinhos, pediram a nossa ajuda. Mas esse mistério importante vai ficar para a próxima.

# O misterioso assassinato no Cecil Hotel

Vinícius Zini e Francisco Gusso

No dia 27 de dezembro de 2002, estava em casa lendo um livro, chamado “Sete Motivos para um Assassinato”, quando de repente tocaram a campainha da minha casa. Abri a porta e recebi uma carta do presidente Ryan, dizendo que futuramente eu precisaria viajar com ele para a Itália. Depois de um mês, fui ao aeroporto e fiz questão de perguntar ao presidente:

– E aí, presidente? Está animado para assinar um tratado de paz com o presidente da Itália?

– Sim, estou muito animado, mas ainda estou preocupado com minha segurança, por isso te trouxe aqui! – respondeu o presidente pouco preocupado.

– Quando chegarmos lá, vamos direto ao Cecil Hotel, onde tem uma piscina para o senhor relaxar, também tem uma rede no seu quarto que eu mesmo mandei colocar e bastante chocolate. Fique tranquilo nada irá acontecer ao senhor.

— Thomas, está pronto para viajar? — perguntou o presidente entusiasmado.

— Estou, mas acho que Davis e eu estaríamos mais preparados juntos.

Entramos no avião e viajamos tranquilamente. Chegamos na Itália e perguntei ao presidente:

— Está tudo bem? Parece que você está meio enjoado depois dessa viagem de 3 horas.

— Não, só estou preocupado se algo irá acontecer comigo.

— Vamos para o hotel, para comermos, e depois irmos dormir, fique tranquilo, nada irá acontecer.

Na manhã seguinte, entrei no quarto do presidente, para ver se tudo estava no seu devido lugar. Quando entrei, estava tudo escuro, mas, quando fechei a porta e acendi a luz, olhei para minha mão, ela estava cheia de sangue. Depois olhei para frente e vi o presidente Ryan morto, com a cabeça espancada, parecia que ele havia levado várias coronhadas de um revólver, pensei nisso porque vi um ao lado dele.

Logo em seguida, fui para o meu quarto e resolvi mandar uma carta para Davis, meu auxiliar, que estava na Suécia. A carta dizia assim:

24-01-2003 THOMAS PICKFORD

Caro amigo Davis, venha para a Itália o mais rápido possível. O presidente foi assassinado, e eu preciso muito da sua ajuda para resolver este caso.

Endereço: Rua Via Stale, Cecil Hotel, número 991.

Já comprei a passagem para você, ela está marcada para as 15:30, te espero aqui, venha rápido!

Esperei o dia todo, mas Davis não chegava, achei que ele pudesse ter se perdido no aeroporto, fui ver se ele estava lá. Ao chegar, logo o avistei:

— Davis! Davis!! Davis!!! — enfim ele atendeu ao meu chamado.

No caminho, vim contando todos os acontecimentos, e as pistas que eu já encontrara. Disse a ele que eu havia encontrado um revólver ao lado do presidente, que estava morto!!

Ele me disse:

— Qual é o nome do hotel?!

– Cecil Hotel, por quê?

– Tá maluco, cara! Esse hotel é palco de muitos assassinatos!

– Eu não sabia, vamos investigar!

Quando chegamos ao hotel, fomos direto ao cassino fumar um charuto e jogar *poker*, depois de muita conversa chegamos ao ponto que...

– Não! Isso é impossível! Isso não pode estar acontecendo!!

Davis desmaiou de susto, mas, algumas horas depois, acordou bem.

No tempo que ele ficou desacordado, raciocinei sobre os possíveis suspeitos.

Primeiro interrogamos o garçom, mas ele não nos ajudou muito. Depois interoguei a secretária, que também não nos ajudou. Mas quando interoguei o filho do presidente, ele agiu meio desconfiado. Depois o faxineiro, mas ele agiu normalmente, igual ao garçom e à secretária.

No dia seguinte, eu e Davis fomos tomar um café da manhã delicioso, comemos uma baguete com peito de peru e queijo mozzarella, depois uma

fruta para acompanhar. Depois de tudo isso, fomos interrogar mais alguns suspeitos.

Nós interrogamos mais suspeitos hoje do que ontem, falamos com o salva-vidas, com a camareira, com o segurança e com o porteiro, todos agiram normalmente. Mas quando fomos interrogar o porteiro, ele disse gritando:

— Fui eu quem matei o presidente!! Quando eu sair da porcaria da cadeia, irei matar todos vocês, seus bandos de detetives!

Eu respondi calmamente:

— Nos mate, você nunca vai sair dessa cadeia mesmo.

Depois que eu e Davis prendemos esse assassino, ficamos mais tranquilos, mas ainda ficamos meio desconfiados por ele ter confessado assim tão fácil.

Por isso fomos revistar o carro em que o havíamos levado na delegacia. Nesse carro encontramos 10 mil euros, ficamos desconfiados. Pensamos que o porteiro podia ter sido pago pelo verdadeiro assassino, para confessar esse horrível crime.

No dia seguinte, fui curtir um coquetel na piscina e vi o salva-vidas. Rapidamente chamei Davis, e nós dois interrogamos o salva-vidas de novo. Mas ele disse muito bravo:

– Quê? Vocês estão achando que fui eu quem matei o presidente? Vocês estão loucos!!!

Aí eu respondi, muito calmo:

– Sim, eu acho que foi você.

Ele me respondeu muito nervoso:

– Não fui eu!!

Aí eu falei:

– Eu não estou gritando com você, por que você está gritando comigo?

Ele ficou bravo e sem me responder foi embora.

Fiquei desconfiado e, quando olhei as câmeras de segurança, vi as gravações atentamente. Eu o vi abrindo o carro do salva-vidas e colocando uma maleta preta e uma carta.

Rapidamente desci para a garagem e vi o carro do salva-vidas dando sopa, por isso quebrei o vidro e peguei a carta, que li. Ela dizia assim:

27/01/2003 NICOLAS BROWN

Caro amigo Jefferson, gostaria que você fizesse um grande favor para mim. Darei 20 mil euros para você confessar um crime que eu cometi. Talvez você seja preso, mas eu pago a fiança.

Muito obrigado, meu amigo.

No mesmo instante recebi uma ligação do Davis, ele disse:

- Thomas? Thomas? Você está aí?
- Sim, pode falar!
- Algum anônimo pagou a fiança daquele cara... aquele porteiro... o Jefferson!
- Mentira, você está mentindo, eu não acredito.
- Mas é verdade! Por que você não acredita?
- Eu não acredito, porque o prendemos há menos de 24 horas, quem foi o malandro que pagou a fiança?
- Eu não sei, eu perguntei para o delegado e ele disse que o cara que pagou a fiança estava com um boné e um óculos escuro, por isso que disseram



que ele é um anônimo.

– Mãos à obra!

Eu e Davis sentamos na areia da praia e começamos a discutir o caso e tivemos mais uma chance de interrogar todos os suspeitos novamente.

No dia seguinte, Davis foi ao quarto do presidente examinar tudo, encontrou uma pilha de remédios na escrivaninha do quarto, mas não havia digital alguma ali, olhou atentamente para o revólver e viu as impressões digitais do possível assassino. Começou a olhar em volta, e viu vários objetos fora do lugar de costume. Depois de algumas horas Davis me chamou, e disse:

– Thomas! Thomas! Preciso de você!

– Calma aí que eu já vou.

Cheguei no Davis e ele me falou:

– Eu achei as impressões digitais do possível assassino.

– Sério?! Vamos investigar!!!

Ele me disse que não era possível investigar agora, ele me disse que tinha que fazer um telefo-

nema muito importante e urgente para a polícia científica!

Depois de três horas, eu e Davis fomos falar com o gerente do hotel, para perguntarmos para ele quem era esse Nicolas Brown, o homem da carta, e em que trabalhava.

Ele nos disse que ele era o faxineiro do último andar, bem o andar em que o presidente Ryan estava naquela noite.

Fiquei muito desconfiado do faxineiro e fui falar com ele, ainda muito desconfiado.

Fui ao alojamento do faxineiro e percebi que ele não estava lá. Logo comecei a remexer em suas coisas. Quando estava perto do banheiro, ouvi o faxineiro bater à porta. Eu, rapidamente, me escondi no banheiro, olhei para a privada e achei um taco de *baseball* cheio de sangue.

Pensei em fugir, não sabia como, mas quando olhei para cima vi uma passagem para a tubulação de ar-condicionado com uma tranca impedindo que eu a abrisse. Peguei minha arma e abri a porta do banheiro, o faxineiro me viu, e, por susto, acabei dando um tiro na coxa dele e dois em cada pé,

ele caiu no chão e, por sorte, consegui fugir pela tubulação.

Rapidamente, fui para o bar da piscina e lá encontrei o Davis, contei tudo para ele e entreguei o taco de *baseball* para ele ver as digitais. Falei que tínhamos que voltar ao alojamento daquele malandro para o prendermos.

Quando chegamos lá, revistamos tudo e não o achamos.

No dia seguinte, Davis chegou em mim e disse:

— Aquele taco de *baseball* que você me entregou, continha as digitais do assassino, o faxineiro! Ele tinha dois cúmplices, nós precisamos descobri-los!

Eu disse:

— Vamos olhar nas câmeras de segurança do corredor cinco, último andar, já!

Rapidamente descemos todas as escadas e chegamos na recepção, lá pedimos para olhar nas câmeras de segurança.

Quando olhamos nas câmeras de segurança, vimos a camareira daquele andar e o filho do presidente, os dois saindo do quarto dele.

Logo depois, eu e Davis fomos atrás dos dois para tentarmos prendê-los, nós só achamos a camareira. Logo em seguida, encontramos o filho do presidente, ele não estava tão longe. Prendemos os dois e ficou tudo melhor, agora, só faltava prender o faxineiro.

Pensamos que o faxineiro poderia ter se escondido em alguma parte desse grande e lindo hotel. Procuramos em todos os cantos, mas nenhum sinal dele. Porém achamos que ele poderia estar armando um plano para fugir do país.

Mas para onde ele poderia ter ido?!

Pedimos uma pizza e chamamos o chefe da polícia, para discutirmos sobre o caso, e para, na manhã seguinte, irmos ao aeroporto ver se o Nicolas Brown havia comprado alguma passagem, com destino a outro país.

Chegando lá, nós fomos direto para o lugar onde se compra as passagens, falamos assim:

— Oi, Karen — eu falei.

— Como você sabe meu nome?! — ela gritou assustada.

— É que vi no seu crachá, sua bobinha.

— Ah, fui boba mesmo.

— Karen, podemos ver os relatórios das viagens internacionais de hoje. Queremos ver se o tal de Nicolas Brown irá fazer uma viagem.

— Claro, pode olhar, fiquem à vontade — falou a moça ironicamente.

— Obrigado!

Olhamos atentamente e achamos o nome do faxineiro na lista, ele iria viajar para Paris, daqui a duas horas e meia.

Voltamos para o hotel e arrumamos as malas rapidamente, depois pedimos um táxi e felizmente conseguimos passagens para o voo 773, que era o mesmo do faxineiro.

Antes de entrarmos no avião, procuramos por toda parte o Nicolas Brown, não o achamos.

Entramos no avião e, por azar, não sentamos ao lado dele, mas ficamos três fileiras atrás dele.

Quando chegamos, o perdemos de vista, mas, ao pegarmos o táxi, o vimos e mandamos o taxista o seguir. Ele não parava de correr, mas até que, enfim, parou, na frente do Louvre, com uma mala preta muito grande. Ele ficou do lado de fora até escurecer, finalmente ele começou a andar.

Mas para onde ele poderia estar andando?

Nós começamos a segui-lo e o vimos entrar em uma porta dos fundos.

Logo depois entramos e o vimos tentando roubar a Monalisa, rapidamente pulei nele e chamei os guardas para prendê-lo.

Após algumas horas, decidimos interrogar o criminoso. Ele nos falou chorando:

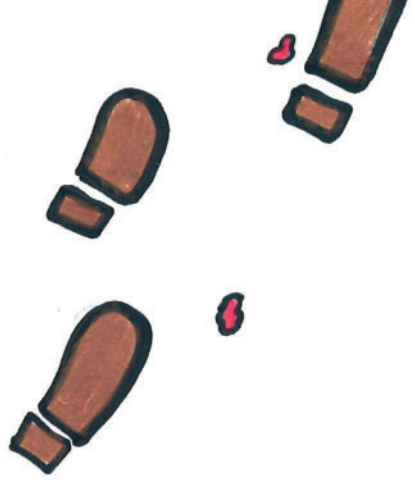
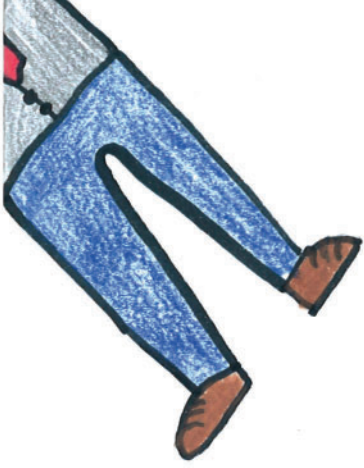
— Eu matei o presidente porque, cinco anos atrás, ele me condenou a dez anos de prisão por ter matado minha esposa, mas eu não a matei e só consegui provar isso há dois meses. Eu fiquei muito triste e bravo e por isso eu o matei.

— Nossa, você tem um espírito muito vingativo — eu disse sendo sarcástico.

Depois eu pensei: “Aquele assassino miserável irá apodrecer na prisão”.

Depois de um dia, o juiz o condenou à prisão perpétua.

Finalmente pude ter uma folga para visitar Las Vegas, que eu tanto queria. Mas Davis se saiu melhor, ele virou um detetive particular e foi resolver outro caso.



VERACRUZ